

SUL



U. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL

Reg. n.º 4987  
EXPEDIENTE

**SUL**

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano V — Florianópolis, Março  
— 1952 — Nº. 15

**CAIXA POSTAL, 384**  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

**Diretor:**

Dr. Anibal Nunes Pires

**Secretário:**

Walmor Cardoso da Silva

**Redatores:**

Doralício Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Luis Santos, Odílio Malheiros Jr.,  
Ody Fraga, Pedro T. Taulois, Sy-  
vio E. P. Martins, Salim Miguel.

Sul acolherá em suas páginas  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, especialmente dos  
jovens, se reservando porém o di-  
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5.00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

**NOSSA CAPA:** — Júlio Pomar — Desenho numa parede — Mosaico  
(Ver nota à página 31)

**REPRESENTANTES:**

No Brasil

Porto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia  
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Ilha das Flores (Açores)

Pedro da Silveira

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

U. S. A.

Richard M. Morse

Doação

Eis o número 15 de "Sul". E só quem já fez, ou faz, uma revista literária saberá o que isso significa. Não vamos mais uma vez repetir o que dissemos das vezes anteriores, pois essas verdades de tanto serem ditas já se vão tornando monótonas. Além disso, o simples mencionar dos entraves ao desenvolvimento da cultura não os remove, é preciso mais, é preciso lutar para a mudança desse "status quo". Somos uma das poucas revistas que perduram daquela trintena que existia por volta de 1947-48. Continuar normalmente só a "Revista Branca" continua. As outras, como a nossa, saem esporadicamente. Quando saem. Em 1951 tiramos só dois números, em formato menor e papel pior. Tudo faremos para que "Sul" não se acabe em 1952. Aparecendo mesmo em papel pior ainda, desde que o conteúdo melhore. E se nós, muito modestamente que seja, conseguirmos dar um auxílio no sentido de que a cultura se torne um patrimônio do povo e de que a paz reine entre os homens consideraremos recompensado nosso esforço.

Promessas sobejam. Todo mundo promete. Nós prometemos os "Cadernos Sul" e as "Edições Sul". Dos "Cadernos Sul" lançamos "Idade 21", poemas de Walmor Cardoso da Silva, e "Velhice e outros contos", de Salim Miguel foi a primeira das Edições Sul. Para este ano programamos "Terra Fraca" de Anibal Nunes Pires — Caderno Sul, nº. 2, e nas Edições Sul: "Piá", livro de contos de Guido Wilmar Sassi, e "A Ponte", coletânea dos trabalhos em prosa e verso deixados por nosso companheiro Antônio Paladino.

Temos muitos outros planos, mas para que gravá-los? Justamente agora em que a fórmula dos imperadores romanos para contentar o povo está, por este Brasil afora sendo reduzida à segunda parte da locução. No entanto, se vencermos as dificuldades na certa que muito teremos a realizar.

Terminando, aqui deixamos os nossos agradecimentos a todos os que, de uma forma ou de outra, conosco têm colaborado e nos têm auxiliado.

E injusto seria esquecer o senhor Governador do Estado, que, através do seu secretário particular escritor Nereu Corrêa, periodicamente nos tem facilitado a saída da Revista, permitindo que a mesma seja composta e impressa nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado.

A DIREÇÃO

Auxílio o movimento editorial de "Sul"

ADQUIRINDO

SALIM MIGUEL

# VELHICE

*e outros contos*



---

REVISTA SUL | LITÉRARIAS

Capa de Edgar Koetz

Nas Livrarias ou pedidos diretamente à Revista "SUL"

por vale postal — Caixa Postal, 384

Florianópolis — SC — Brasil

Preço: Cr\$ 25,00

## A LÍNGUA E AS FORMAS

por Lima de Freitas

Diz o mais velho idealismo que ao princípio era o Verbo. Nós sabemos que Verbo e Idéa são inseparáveis. Mas diz o mais consistente materialismo que ao princípio era a matéria. É claro que isto é uma idéa. Admito, e mais do que admitir, julgo que as idéas são o mais útil, o mais belo atributo do homem, que só por elas é pensante. Creio igualmente que elas são elaboradas sobre as representações sensoriais do universo, que é, para nós e antes de mais nada, um universo de formas. As formas naturais organizam-se no nosso entendimento segundo certas leis que são o fruto da luta humana pela compreensão do universo, do que nele se passa, como se passa e porque. Nessa luta milenária a língua falada e depois a escrita ocupam um lugar importantíssimo, porque constituem um esforço lento mas decisivo de classificação, de clarificação e de ordem, um esforço dirigido no sentido de transmitir o fruto da batalha pelo entendimento do mundo que nos cerca, que foi no começo caótico e tenebroso.

Apesar disso, a língua é apenas um dos processos que inventamos para organizar logicamente e dar permanência às coisas; talvez o processo mais importante, em todo o caso não o único. A matemática, por exemplo, é uma outra linguagem, sem dúvida especializada, limitada aos aspectos quantitativos da realidade, mas igualmente preciosa, igualmente lógica ou mesmo mais lógica que a linguagem das palavras. Mas — coisa importante — as diversas artes são outras tantas modalidades de linguagem, abarcando níveis e extensões diferentes da infinidade, mas igualmente indispensáveis para entendermos a infinidade. Neste ponto as palavras, os números, a pintura, a música, os símbolos diversos das ciências, o gesto, a dança, a escultura, são equiparáveis, embora não sejam equivalentes sob o aspecto utilitário e da acção dominadora sobre a natureza.

Ora acontece que, apesar do crescimento e desenvolvimento prodigioso da língua falada e escrita, apesar das estupendas vitórias que ela possibilitou à humanidade, apesar de o universo nos ser inteligível principalmente por ela. — as outras formas de expressão (de comunicação, de compreensão) também se desenvolveram enormemente, a ponto de alimentarem formas superiores de arte. E se a recriação do mundo pela palavra pode constituir manifestação artística, como o provam milhares de escritores, poetas e pensadores (que compreendemos quasi exclusivamente como manejando pensamentos — palavra), acontece que a recriação do mundo pelas formas plásticas ou sonoras atrahu sobre si a quasi totalidade do sentido do termo arte. Lembremos que a palavra foi primitivamente uma forma sonora ou visual, uma recriação no plano dos sentidos, com caracter imitativo, das formas naturais, tal como elas se apresentam ao ouvido ou aos olhos.

Posto isto, importa acentuar que existem indivíduos particularmente dotados para a linguagem das formas. Embora não prescindam da palavra — especialmente no sua vida social, mas também no afinamento da sua sensibilidade particular) — têm no entanto a faculdade de entender, melhor do que o comum dos seus semelhantes, as formas naturais, directamente, sem o intermediário abstracto e tradicional da expressão verbal ou escrita. Ao ver, ao ouvir ou ao tactear as coisas, sentem e percebem as coisas. E aquillo que sentem e compreendem transforma-se pelo seu trabalho, em novas formas, desta vez produzidas pelo homem (fruto de ideas-forma) e com a virtude de transmitir aos outros homens aquillo que compreendem e sentiram, e deste modo, capazes de proceer as mais sublimes emoções que nascem da solidariedade humana.

A linguagem das artes plásticas ou da música age, pois, através de uma "leitura" de um tipo característico; aquillo a que podemos chamar a "leitura" das formas. Essa leitura é quasi instantânea, é global, directa, nela participam ideas-motoras, movimentos palpitantes, ritmos, presenças corpóreas patentes por si mesmas; porque a forma exerce uma impácto directo na sensibilidade, ao contrário da palavra que desafia, analisa, enumera, multiplica, aproxima-se do objecto e passa ao longo dele. Eis, talvez, a razão por que a palavra possibilitou a ciência.

Pessoas há que, embora inteligentes e cultas (se bem que tenhamos de admitir nelas uma cultura unilateral), são destituídas quasi totalmente de sensibilidade às formas. Não creio na absoluta insensibilidade perante o fenómeno artistico; em todo o caso compreendo que uma educação desequilibrada, a persistente infiltração dos preconceitos ambientes, os vários desvirtuamentos pedagogicos que resultam de uma intolerável situação social, podem esmagar e quasi eliminar a vocação para as formas. A preferência das melhores de entre as pessoas a que alludo leva-as para o universo inteiramente

maravilhoso das palavras: aí encontram o seu mito, aí formam os seus hábitos intelectuais. E como tóla a inteligência baseada no Verbo, o espírito dotado faz-se investigador, quer saber os porquês, desmonta os factos por meio de orações, articula as coisas com os verbos adversativos, disjuntivos, copulativos. O artista plástico, o compositor, o bailarino, o escritor, êsses têm outros processos, out "língua". Também nesta língua há gramática, porque a lógica é um atributo do homem pensante. Também na pintura ou na escultura ou na escultura há uma sintaxe, uma semântica, uma métrica, ritmos, parnasmas e, o que importa extremamente, uma significação capaz de vastas generalizações e de infinitos aprofundamentos.

"Tudo influi sobre tudo". Por isso não podemos em absoluto dizer onde acaba a palavra e onde começa o pensamento musical ou plástico; por isso os pensamentos-palavras entram pela música e esta reflete sobre as palavras, como o provam os poetas, que almejam uma espécie de música híbrida, (ou uma híbrida espécie de pintura) o que por sua vez dá lugar a uma forma particular de sensibilidade.

A alguém que dizia não encontrar deleite na contemplação de obras de arte da pintura, da escultura ou da música e que acreditava que a arte em geral tende a desdibrançar, responderei que quando ouvir um concerto, quando estiver olhando para um quadro, tente esquecer um momento que está habituado e educado no uso da palavra. Abra as comportas dessas outras modalidades de expressão não-verbais, apreenda ao máximo a comunicação íntima das formas plásticas ou sonoras e sinta como elas dão corpo a um pensamento autónomo, vivo no seio do matéria e do ser, lógico, palpante, coerente. Dizei ainda que a arte jamais acabará, mesmo teóricamente. E não acabará porque as heques, jamais se limitaram voluntariamente e jamais se limitarão; pelo contrário, buscarão expandir-se o mais possível, em todos os sentidos, desde o biológico ao espiritual.

A história é a história da expansão e enriquecimento da pessoa humana (através, entre outras coisas, de fórmulas sociais ajustadas às realidades sempre renovadas da técnica e da divisão do trabalho). Assim, sendo as várias formas de arte outras tantas perspectivas abertas sobre o infinito, nunca o homem a elas renunciará, muito embora se expanda indefinidamente a linguagem falada e escrita, muito embora esta possibilite quasi tudo. A realidade é infinita; o território do nosso entendimento em expansão nunca nos fará prescindir de qualquer forma de o crescer, isto é, nunca nos fará prescindir das "frentes" da música, da pintura e de todas as outras artes. Muito pelo contrário, creio que a arte tende a desdibrançar-se e a conquistar novos processos e novos campos de acção, como o atesta o exemplo recente do cinema.

Lisboa — Portugal

## ARQUITETURA SOB "ENCOMENDA"

Carlos Henrique Bahlana

Pregava o velho mestre da academia para seus discípulos: "Arquitetura é a arte de contruir com solidez segundo os principios do belo..." Nessa altura estava então o estudante compenetrado, copiando uma coluna grega. O velho mestre passeando entre as pranchetas de momento a momento repetia: "Muito bem, os senhores estão fazendo boa Arquitetura, ou melhor, estão fazendo Arquitetura... o que já indica ser bom..." E continuando a preleção de estética arescentita: "Hoje com os novos materiais de construção as secções calculadas da estrutura resultam muito pequenas, por isso nós arquitetos devemos engrossalas com uma capa de t.olos para dar a necessaria solidez aparente. Se assim não for o observador leigo ficará desconfiado e temeroso da resistencia da construção..."

Dessa forma o arquiteto já sai da escola preparado para satisfazer o freguês em todos os seus caprichos, quasi sempre bem mal informado na materia. E grande a tragedia de boa parte dos profissionais no inicio da carreira. Necessitando prender o "freguês" tudo faz, menos arquitetura. Quando tenta reagir, já num ultimo suspiro, aparece a figura jocosa do Conselheiro do Espirito Prático com argumentos convincentes: "Em parte o proprietário tem razão..." Ele não entende nada de arquitetura, mas... é ele quem tem o dinheiro, portanto é ele quem manda... Pensa bem, quando você encomenda uma roupa no alfaiate não é você quem determina como quer? Pois então faça o que o proprietário quer e não discuta!!" Pois é esse disparate — subtilezas do espirito prático — constantemente usado. Por isso é o arquiteto obrigado a concordar com os maiores absurdos, porém muito do agrado de quem paga. Mas quem verdadeiramente "paga" e preço bem caro, é a cidade que vai se inundando de monstros imaginados por entendidos de meia hora...

Não pode o arquiteto estudioso, evoluído, contrariar o "freguês" sob pena de perdê-lo e mais alguns outros, amigos do primeiro. Ainda há pouca, um senhor muito rico, possuidor de grande estabeleci-

mento de "secos e molhados" mandou construir um solar, após viciado concurso de projetos. Isto é, foram elaborados sucessivamente, projetos sob constante influência do interessado até se ajustar ao gosto do magnata. Pois bem, o nosso herói estava sofrendo de perniciosa mania de antiguidades tradicionais. Portanto, nada mais belo para este do que um solar à D. João VI. Foi feito o projeto. Uma perfeita restauração de um solar do tempo do império. Eis o grande disparate. Fora o arquiteto obrigado a copiar uma obra antiga com todas as suas inconveniências de ordem higiénica, psíquica, económica, etc. . . Concordamos que muitas obras do passado são belas e dignas de profundo respeito porém sem sair do arquivo histórico. Bem podia esse cidadão obter maquetes em escala reduzida dos melhores exemplares arquitetónicos de épocas passadas e colocá-las em vitrines para exposição permanente. Dessa forma estaria resolvido o problema sentimental sem levar ao desespero um pobre arquiteto.

Outro caso menos evidente, mas também contraditório, são as famigeradas lareiras tipo "solar inglês". Outro disparate. Difícil e inútil tentar convencer ao cliente que para uns dias de frio intenso, apenas alguns dias por ano, não há necessidade de lareira, quando mais que existem processos de aquecimento mais eficientes e higiénicos. Porque então a lareira? Há alguns que não se satisfazem com uma só, é necessário colocar em todos os cômodos da casa.

A arquitetura como arte de construir tem que acompanhar a evolução da humanidade em todos os seus setores, pois ela é o reflexo sistemático e constante do grau de civilização de uma época. É verdade que nem só os leigos tropeçam nesses conceitos de belo e gosto. Há muitos profissionais que também só admitem formas e processos antigos por serem esses já consagrados pelo tempo. Isso concorre para maior confusão. Imagine o leitor uma locomotiva elétrica com forma de locomotiva a vapor só por amor as formas consagradas! Não seria um absurdo? Em geral as miniaturas para brinquedos são construídas na inobservância destes anacronismos. Locomotivas elétricas com chaminés para vapor. . . O absurdo é evidente.

Em arquitetura é a mesma coisa. Novos materiais, novas técnicas, portanto, nova forma plástica correspondente. O conceito de belo é elástico, é função da educação. Outrossim deve o proprietário procurar conhecer as razões que levaram o arquiteto a uma determinada forma, e não ditar o que deve fazer o profissional.

Felizmente tais aberrações terão seu fim. Iniciamos a época dos grandes blocos. O apartamento é a unidade obedecendo a uma planta "standart".

Só existirão os grandes projetos para as cidades, onde não houver campo para os pseudos-entendidos.

(São Paulo)

## PROBLEMAS DE CINEMA

Val-se a um cinema. Assiste-se a um filme. Por duas horas nos perdemos naquele mundo, nos esquecemos de nos mesmos, ou então nos integramos nos problemas que estão vivendo os personagens. Saídos dali, na maioria das vezes apenas comentamos, indiferentes:

— Que tal?

— Gostei. E tu?

— Mais ou menos. Se assiste!

E com tais expressões vazias de significado, indolentemente atiradas, com enfado, nos esquecemos do filme. "Gostei", "não gostei", eis em que se resume a maioria das opiniões. Ninguém procura ir mais fundo, analisar, estudar os porquês, passar além da casca. Poucos os que se interessam por saber o que vem depois — ou antes — daquelas duas horas, o quanto de trabalho, de angústia, de pesquisa, vai numa obra quando ela é digna, séria, feita com intensão artística e humana, visando uma finalidade mais elevada.

A maioria das pessoas vai ver "a fita" para passar as duas horas de tédio. Ou por vício. Muito bem. Muito certo. De acôrdo. Porém esta mesma pessoa não sabe o quanto está perdendo de prazer estético, de alegria latente. Por que? se perguntará. Ora, porque aquilo que compreendemos integralmente (ou compreendemos), que podemos captar, não somente nos traz mais proveito como nos trouxe maior satisfação. Então, apenas porque alguém não se dedicou, não tira mais alguns minutos por dia para ler um pouco, estar a par das coisas, de como é feito um filme, de como um filme, tendo aparentemente os mesmos elementos que outro se diferencia tanto, somente por isto, nem imagina o quanto perde, porque, repetimos sempre, só as coisas que entendemos e conhecemos podem nos proporcionar o máximo de alegria. Por que dois filmes feitos com o mesmo material se diferenciam tanto? É que, enquanto num, a equipe, todos (diretores, argumentistas, técnicos, artistas), trabalharam não somente com uma finalidade comercial, de auferir lucros, mas também, ou em raras ocasiões, raríssimas bem sabemos, tiveram em mira principalmente um fim artístico, no outro procuraram apenasmente a parte comercial, prejudicando tudo o mais, fazendo concessões, procurando agradar ao gosto viciado, perverso, do público. Viciando-o mais ainda.

Os elementos que ambos manipularam foram os mesmos. Ambos lutaram com máquinas e com material humano: ambos contam com uma história boa ou má, de acôrdo com a visão e capacidade de quem a fez. Ambos tem a possibilidade de a modificar, de a adaptar, de a transformar, para dela fazer algo possível de ser transmitido em imagens — já que cinema é imagem. Por isto, tomese uma história, um original, e não importa ser fiel ou não a ele, desde que se faça bom cinema. O cinema é uma arte autônoma, que apesar de contar com a ajuda de todas as artes nascidas antes dela, não é subserviente a nenhuma, possui suas leis próprias

e as deve respeitar. "É uma arte contemporânea, é uma arte não só para o Movimento como para o Individualismo, uma arte para hoje. Se os senhores são velhos, se vivem para o passado, não a entenderão. Ela saberá as Artes de todas as outras musas e irá, mais além com uma arte toda sua que teréis de aprender, que não saberéis entender". (Roberto Nobre in "Horizontes de Cinema").

Um boa obra literária tornar-se é num grande filme ou no pior "abacaxi", dependendo tão somente da maneira como for tratada, independentemente, por outro lado, da fidelidade ou não à obra original. Exemplos de nossa acertiva superabundância e quase supérflua seria prova-lo. Citemos um único caso. Há pouco passou entre nós o filme "A Glória do Amar" (That Forsyte Woman) baseado no primeiro volume da importante obra de J. Galsworthy "The Forsyte Saga". Pois bem, apesar da importância da obra o filme resultou numa coisa amorfa, sem vida, insignificante.

Falemos porém de literatura de cinema — ou melhor, sobre cinema. E neste ponto vemos em muitas faces sorrisus irônicos. Literatura de cinema! Bah! Que haverá para dizer sobre tal assunto, que nem arte é, mas um arremêdo! E no entanto existe, tanto quanto o cinema é uma arte. Não qualquer cinema, mas "o cinema". Aliás o mesmo se dá em todas as artes.

A literatura de cinema não aparece entre nós; a não ser para uns poucos é inteiramente desconhecida. Os livreiros não a importam e quanto a traduções, nem se fala. Então a muito custo e boa vontade, sempre em editores maiores se consegue alguma coisa. Rio, São Paulo, Porto Alegre, etc., editando, sempre se pode alcançar um ou outro livro, uma qualquer publicação como "Revue de Cinema, Branco e Negro", etc.

As revistas aéreas que entre nós nascem, pobres coltidias, mal vêm a luz do dia, nem chegam a criar fôlego, logo morrem. A mingua. Ou então levam meses, mais de ano, para aparecer. Exemplo mais recente: "Filme". O povo, via de regra, mal acostumado, quer é sensacionalismo, saber como vive, onde mora, os casamentos e subseqüentes divórcios de seus astros preferidos e... quejandos. São na expressão feliz do crítico Roberto Nobre os "doentes de cinema"; e continua o mesmo autor, são os "que fizeram de uma arte nobre, uma epidemia idiota". Para estes bastam — aliás, melhor dizendo, só estas servem — as publicações de divulgação de escândalos e festas, biografias e romances, retratos em mão ou outros dos astros refastelados em belas poltronas, em belas residências, tendo abertos nas mãos obras em belas encadernações, de "belos" autores, clássicos, modernos. Obras que nunca leram nem lerão. Por que então? se perguntar. Ora, é chique ostentar cultura.

Se não fosse a extensão transcreveríamos todo o capítulo intitulado "Os Doentes de Cinema". Mas não nos furtamos, ao menos, ao prazer de deixar aqui a classificação e um que outro trecho. Diz

o crítico português; "Divido os que amam o cinema em Cinéfilos, cineastas e cine-asmos." Que grande verdade... Antes ele já dissera: "Nada mais perigoso para a marcha do cinema, como arte, que o cinéfilismo como ele al estadeia. O cinéfilo é o culpado, quasi o único culpado das degradações que abundantemente se dão no cinema actual. Ele não vai ver um filme pela arte, pela emoção, pela sensibilidade, pelo valor estético ou dramático que uma película possa conter. Vai porque é "cinema" e cinema, para ele, é uma comédia excitante com um galã de bigodinho, que dá murros e anda de automovel, e uma vamp histórica, de bellos cabellos no género esparto-dores de pó e que mergulha em saltos singulares, nas pleinas de luxa." Porém há mais, há coisas piores, ora se vê: Os verdadeiros cinéfilos não são aquelles que se dão ao luxo das estréias para exhibir a sua cinefilia, ao mesmo tempo que exhibem as suas gravatas, o seu bigodinho de retróz e o seu dandismo pires — nem tão pouco essas meninas dengosas que põem um Oh antes dos nomes das vedetas (Oh, a Marlène! Oh, o Taylor! Oh, o Boye!) e correm com pelicas que atravancam a coxa, quando elles passam. Esses e essas vão ao cinema mais para exhibir do que para ver exhibições".

#### "Cinéfilos, cineastas, cine-asmos!"

Prá que falar... deixemos ainda a palavra com Roberto Nobre: — É preciso repetir, gritar, convencer esses senhores cinéfilos que para além do cinema cotidiano, que vive da beleza inenarrável das pernas de Marlène, da boçalidade risenha de Clark Gable, ou dos gorgatelados estridulos de McDonald, existe, mantido por sonhadores e artistas, ingénios talvez pela ingrata persistência, mas profundamente intellectuais, um outro cinema, o grande Cinema, que é deles quase ignorado".

Que grandes verdades, que... mas não nos precipitemos, não pnhamos o carro adiante dos bois. Pretendíamos falar sobre um livro de cinema...

E é precisamente do livro de Roberto Nobre — esse livro que vós mos citando — "Horizontes de Cinema", Guimarães & Cia. — Editores, Lisboa — Portugal, que pretendíamos falar ao iniciar esta nota. E, devido ao entusiasmo a que o livro nos conduziu, nos causou, deixámo-nos ficar, a tecer considerações paralelas. Sim, paralelas, por que o livro de Roberto Nobre trata aprofundadamente de todas, — e muitas outras — estas questões que nós tão somente afforamos. Por meio de análises "em profundidade" ele nos conduz até o âmago, o cerne das questões, nos desvenda os diversos problemas concernentes ao cinema hodierno, de tudo trata com conhecimento e clareza. Percorrendo as páginas de seu livro nos capacitamos inda mais das infinitas possibilidades do cinema no terreno não apenas estético, artistico, mas também humano e social. Numa linguagem sempre clara, simples, corrente, acessível, às vezes levemente irónica, Roberto

Nobre vai nos apresentando os diversos aspectos do cinema, a partir das maneiras pela qual é ele encarado. E já na "Parábola Pirandelliana", diz: "... em arte, imitar uma escola desenterrada, é morrer enterrado debaixo dela". O que por seu lado lembra o pintor Gauguin: "Em arte só há revolucionários ou plagiários".

Através de todo o livro vai o autor apresentando e procurando resolver os problemas concernentes à sétima arte. Vê o que de falso e indigno se tem tentado fazer dela, comercializá-la uns, desprestigiá-la outros, deturpá-la a maioria; procura explicar os motivos de seu aparente desprestígio entre as classes da pseudo-élite intelectual ou então o porque de só terem ressonância entre a massa, de preferência, as obras menos importantes e significativas. Analisa as opiniões de artistas os mais diversos como, por exemplo, a de Marcel Pagnol que chamava ao cinema de "teatro e inconsciente ou gelatina". Ou então estuda as experiências sempre valiosas — ou quando não curiosas — de um J. Cocteau, de um O. Welles, etc. ou ainda as tiradas de uma Anatole France, de um G. B. Shaw, de um Pirandello, etc.

Não pretendemos aqui dar um resumo do livro — mesmo porque é impossível. Mas sim uma vaga ideia. O que pretendemos é mostrar a importância dele num campo onde a literatura especializada é restritíssima, reduzidíssima. Mas confessamos francamente não conhecer, em Portugal ou no Brasil, outra tentativa no género. E importante, não tem valor apenas como tentativa ou por pioneirismo. Não! Os problemas debatidos são do máximo interesse para todos os que se preocupam com cinema de uma maneira séria, vendo nele uma finalidade — estética, humana, social. Debate problemas atuais, e mais importantíssimos, debata-os e os analisa com conhecimento. Para todos, especialmente para os cineclubistas, o livro é reconhecido. Não, é claro, para os "cineasmos".

Roberto Nobre não esquece os pioneiros, os que lutaram por fazer do cinema uma arte, a arte do nosso século. Por isto, ao mesmo tempo que é livro de ensaios de estética de cinema, é também um livro de afirmação na capacidade e nas possibilidades do cinema, na certeza de que sempre alguns poucos de homens continuarão a tarefa dos iniciadores.

Roberto Nobre não é pró nem contra o cinema americano; não é pró nem contra o cinema europeu. É ele a favor do cinema — deste que seja cinema. Venha de onde vier. Porque a verdade final é que há cinema bom e mau — e isto em qualquer parte. Além — se bem que em menor escala, já que as demais não estão tão dependentes da fator "ritmoheiro" — o mesmo se dá com qualquer arte. E sendo assim o autor não pode ver sem asco profundo o que a maioria dos produtores norte-americanos vem tentando fazer do cinema. Um mero comércio e meio, puro meio de enganular o público, ludibriá-lo, dar-lhe uma visão falsa, deturpada, das coisas, ao mesmo tempo que o cinema lhes serve, a tais pessoas, de arma para fins não artís-

ficos. Uma mera produção em massa, para a massa, filmes para exportação, impedindo, além do mais, conscientemente ou inconscientemente, o levantamento cultural dos povos e uma aproximação mais de acórdio com a realidade, a verdade dos fatos. Sem qualquer finalidade artística, dentro de formas estereotipadas, idênticas, iguais, sempre e sempre, sem espírito de pesquisa. Cabe aqui citar o que, a respeito, diz, na Revista "Formes et Couleurs", nº. 6, ano de 1933, o escritor e crítico de cinema George Charenco, em seu artigo "Cinéma Américain. Cinéma Européen":

"Cette soumission des cinéastes Américains aux lois de la division du travail a des effets désastreux. Quand nous parlons avec les Américains ou avec les Français qui ont longtemps vécu aux Etats-Unis, de l'Art cinématographique, nous voyons un sourire naître sur leurs lèvres. Notre naïveté les amuse, eux qui savent bien que dans ce pays il y a seulement une industrie qui, de temps en temps, permet à quelques rares individus de tenter une expérience, comme les plus pulésants fabricant d'automobile ou de ciment d'expérimenter un nouveau procédé de fabrication".

Depois de mais algumas considerações, continúa:

"Done l'Amérique reste strictement fidèle à une tradition qui doit tout à la littérature et à l'art dramatique, fort peu au cinéma. La prépondérance des soucis commerciaux sur les préoccupations artistiques conduit les firmes yankees à donner à leur public ce qu'il réclame, c'est-à-dire, de petites histoires faciles, interprétées par des comédiens connus, sans songer un seul instant que les Etats-Unis ne sont pas le seul pays du monde à produire des films et qu'un jour viendra peut-être où ce fossé qui sépare déjà le cinéma américain du cinéma européen sera si profond que les peuples habitués peu à peu à d'autres formes d'expressions risquent de se détourner d'ouvrages par trop privés de ce contact avec le réel qui fit la renommée de Griffith, des Ince, des Chaplin et de King Vidor".

Gostávamos de encerrar estas notas, primeiro agradecendo ao amigo escritor Manuel Pinto o envio, para nós, deste livro do crítico português, nos possibilitando assim o conhecimento de uma obra, sem favor algum, importante no terreno da literatura cinematográfica e següente recomendando aos nossos possíveis leitores, interessados em coisas de cinema, que procurem adquirir e ler "Horizontes de Cinema". Estamos plenamente convencidos de que não se arrependerão e, pelo contrário, muito hão de aprender.

Daqui enviamos ao Roberto Nobre os nossos sinceros parabéns pelo seu importante livro, que vem esclarecer e tornar possível para os leitores de língua portuguesa o contacto com tantos problemas concernentes à arte que mais de perto nos toca, pois nasceu conosco, no nosso século.

Somente lamentamos que o livro não tenha a divulgação que me-

## EVOLUÇÃO CINEMATOGRAFICA

O cinema possui o seu próprio e inegável meio de expressão. Sua linguagem pode adquirir contornos originais, sem sofrer as influências marcantes de outras realizações artísticas. A expressão da imagem pura é rica de formas e pode prescindir de elementos estranhos. Portanto, o filme de verdadeira personalidade tende a afastar-se da literatura e teatro, os dois setores onde frequentemente lança as suas raízes, principalmente quando não conta com realizadores imbuídos do que seja a Sétima Arte em sua pura essência. Já tendo mais de cinquenta anos de existência dinâmica, existem películas contribuintes para a formação de sua linguagem independente. De movimento em movimento, o cinema adquire, aos poucos, a sua autoridade, procura a sua real manifestação. Sem usar da amplificação exigida pelo assunto, tomando-se em consideração somente uma síntese cronológica de sua vida, a gente verifica tal intento.

Os primeiros filmes fabricados em princípios deste século são cenas de teatro fotografadas. Começa a ser posta uma linha divisória entre o cinema e o teatro quando David-Wark Griffith, com seus filmes THE BIRTH OF A NATION produzido em 1915 e INTOLERANCE realizado em 1916, procura retivar as gesticulações e os trejeitos dos figurantes. Também Cecil B. De Mille, esse diretor de mau gosto tão ridicularizado por nossos atuais cronistas cinematográficos, é um pioneiro a abrir novos rumos para o cinema ao dirigir THE CHEAT, em 1915, fazendo seus artistas abandonarem os processos teatrais. Assim surgiu, em tal filmê, o primeiro ator cinematográfico de valor, Sessue Hayakawa, usando admiravelmente o rosto imóvel e os olhos exprimindo os sentimentos, criando uma interpretação até então desconhecida.

Em 1916 aparece PÉRFIDO ENCANTO, um filme futurista de A. G. Bragaglia, que dá origem ao movimento de vanguarda. Advindo no ano seguinte a película de Germaine Dulac AMES DHOMMES FOUS, em 1919, Louis Delluc e Germaine Dulac, em colaboração, realizam FÊTE ESPAGNOLE que marcou época pela procura de linguagem adequada às imagens. O movimento vanguardista representa o início da fase experimental destinada a encontrar a expressão pessoal do cinema. São estudos inteligentes e práticos que abrem novas perspectivas aos verdadeiros cineastas.

Em 1918 L'Herbier faz ROSE FRANCE, seguido de CARNAVAL

---

rece entre o público do Brasil, queremos crer, até mesmo muitas pessoas grandemente interessadas em cinema o desconhecem.

Portanto, por gratos nos daremos se este nosso trabalho contribuir para a vulgarização da obra, pois assim estaremos contribuindo para uma melhor compreensão do cinema e de seus problemas.

Julho, 1951.

S. M.

DE VERITÉS e de L'HOMME DU LARGE em 1920 e EL DORADO em 1921, filmes que elevam o cinema, acondicionando-lhe elementos vitalizantes.

O GABINETE DO DOUTOR GALIGARI, de Robert Wiene, aparece em 1919, primando pela unidade apresentada, unidade talvez somente superada muito depois por Carl Th. Dreyer com o famoso LA PASSION DE JEANNE D'ARC, em 1928, filme de fabulosa riqueza de pormenores.

Sergei Micaillivitch Eisenstein em 1925, dirige O COURAÇADO POTEMKINE, película marcante pelo afastamento do estrelismo, usando a multidão representada como num grande quadro mural.

A partir de 1927, com o aparecimento do cinema sonoro, houve um natural período de decadência embora decadência talvez não seja o termo exato para definir os primeiros maus passos do cinema sonoro. Estacionamento talvez seja a palavra mais adequada para tal. Em todas as manifestações artísticas, em qualquer época, aparecem tais estágios ou recuos, causados por diversos fatores adversos. As correntes da literatura e das plásticas, por exemplo, se sucedem através os tempos, entremeadas de períodos de decrepitudes e de renovações. O cinema, como toda a arte, teve essa parada ou decadência tão necessária, para prosseguir pelo novo caminho.

Com a inovação revolucionária dentro do âmbito industrial, o cinema volta aos seus primeiros passos do início deste século. Retorna a ser teatro fotografado, com a vantagem de, agora, possuir o som. Para agradar o grande público, os produtores usam e abusam da nova maravilha, põem artistas falando e cantando na tela, deixando o elemento estético de lado. Interessa fazer ruído e com ele ganhar mais dinheiro. Desaparecem atores consagrados no tempo silencioso, dando lugar aos novos que chegam dos teatros, os que possuem boa voz, voz bonita.

René Clair, Charlie Chaplin, Poudovkine consideravam, nessa ocasião, a falência artística da Sétima Arte. Na era silenciosa, sendo a voz do homem inexistente, este transformava-se em imagem pura, em símbolo. No cinema sonoro, ele perde essa virtude, recitando, discursando, gargalhando como o homem comum. Torna-se elemento concreto destituído da força artística criadora que emanava.

Atualmente, ainda muita gente considera o período silencioso mais substancial, a fase de ouro do cinema. Há um tanto de exagero e de verdade em tal afirmação. É verdade que dessa inumerável porção de películas sonoras produzidas até hoje tira-se desproporcional quantidade de filmes de valor. Explica-se a causa dessa mediocridade com o fato das grandes empresas dominarem com o seu dinheiro a mente do realizador, inibindo-o de uma produção mais sincera. A grande parte do cinema atual tem espírito comercial e é feito de concessão ao grande público. A evolução cinematográfica é observada, com maior vigor, na parte técnica, ficando baixo o nível artis-

tico. Entretanto há exagero em afirmar-se que o cinema falado é destituído de qualidades, levando-se em conta algumas obras deste período. Após a assimilação do ingrediente sonoro, apareceram películas evidenciando tais qualidades.

Já em 1929, pouco após, portanto, o aparecimento de *THE JAZZ SINGER*, surge um exemplo de obra afirmativa desta nova fase do cinema. Trata-se de *HALLELUJAH!*, realizado por King Vidor, um filme que jamais possuiria a pujança que tem se houvesse sido realizado no ciclo silencioso. A alma e a música das coisas se fundem nesta película, tornando o ruído um acessório imprescindível.

Também temos em *EXTASE*, filme dirigido por Gustav Machaty, em 1933, a demonstração insofismável do que pode ser realizado dentro do cinema sonoro. Este filme que possui longas imagens talladas num grande estudo plástico, não utiliza-se do princípio básico teatral, isto é, da voz dos atores. A fala só complementa a imagem. A voz do homem é encontrada nesta película como as vírgulas num livro. O filme encerra uma boa lição de interpretação cinematográfica. Interpretação de ator que é arguta nas mãos do realizador. *EXTASE*, pela sua linguagem fluente da imagem, onde o espectador não "lê" as legendas porém "sente" a história, possibilita a afirmação de ser o filme obra representativa quer seja mudo ou falado. Depende de que ele se torne cinema acima de tudo. É o que, por vários motivos (sobressaindo-se o motivo comercial), acontece raramente. Para ilustrar tal afirmação, a gente pode tomar como modelo um filme recentemente exibido aqui no Brasil. Trata-se de *MALVADA* (*All About Eve*), de Joseph L. Mankiewicz. Os personagens de tal filme são atores, críticos, autores, diretores e uma porção de gente de teatro. São tipos reais a desfilar, pela tela com os seus dramas e as suas lutas. Mas, embora haja aquele sentido realístico imprimido á película, a gente tem a impressão de que o palco jamais se divorcia dos personagens. Mesmo quando enfrentam a vida dos bastidores, representam como se estivessem eternamente frente a luz das gabiarras. Entretanto, o cinema deve ser imagem isenta de teatro, com o menor número de diálogos possível e maior fluidez. Neste filme deparamos com o mal do cinema falado, motivando a que muitos o combatam. O som influe na película, criando uma dialogação cansativa, a explicação literária substituindo a imagem, suprimindo-lhe a autonomia. Somente em alguns instantes surgem parênteses nêsse desenrolar anticinematográfico. Há, como exemplo, a cena derradeira da película, em que aparece a jovem candidata a atriz, frente ao espelho, a imagem refletida multiplicando-se indefinidamente, como a síntese da moral da história que acabamos de presenciar. Esta tomada é um achado cinematográfico. É um dos poucos momentos da película em que o cinema fala a sua linguagem verdadeira.

Antônio da Silva Filho  
(Pôrto Alegre)

## • O CINEMA NA EDUCAÇÃO

### — BREVES CONSIDERAÇÕES —

Na história do Cinema creio que se podem estabelecer três fases perfeitamente distintas, ainda que durante uma ou outra dessas etapas, se tenham manifestado tendências que se afastavam das linhas correntes, mas que viriam a constituir as bases dos futuros planos de trabalho e orientação duma parcela, felizmente já de razoáveis dimensões, da atividade cinematográfica.

Não é caso para estranhar, até porque o que seria hoje a civilização — produto da luta constante pela subsistência e por melhores condições de vida — se não tivessem vindo à superfície as contradições latentes em espíritos esclarecidos e bem intencionados, que sem conseguirem resultados tão depressa como desejariam, deixaram no entanto o caminho aberto para futuros e mais prometedores empreendimentos. Pelo muito que lhe devemos, nunca será demasiado realçar o papel destes pioneiros.

Na primeira fase encontramos toda a série de tentativas, desde as célebres lanternas mágicas e do fantoscópio de ROBERTSON (1797) em que o deslocamento rápido dum conjunto de lentes dava na tela a ilusão de movimento, até à primeira representação cinematográfica de LUMIÈRE em Março de 1895.

Já durante êste período em que os esforços se encaminhavam predominantemente no aperfeiçoamento técnico do cinematografo, começam a ser antevistas as imensas possibilidades que o Cinema pode oferecer, quando pôsto por mãos seguras e conscientes ao serviço do Homem.

Em 1898, o cirurgião francês DOYEN conseguiu a filmagem duma das suas operações a propósito da qual êle própria afirma: "Logo que vi pela primeira vez desenrolar-se sobre o écran uma das minhas operações eu verifiquei a que ponto me ignorava a mim mesmo..."

Detalhes técnicos que me pareciam satisfatórios, eram defeituosos. Corrigi, melhorei e simplifiquei”.

Diz a propósito Coissac: “Nascera o cinema educador, mas o exemplo devia esperar por muito tempo até produzir frutos...”

A esta tentativa outras se sucederam, graças a esforços isolados e independentes como os de EDISON ao fazer filmes de física, química e história natural ou os de CARRINGTON LAGRANGE que em 1901 empregou a cinematografia ao estudo da meteorologia física.

Os resultados bem sucedidos de EDISON foram secundados pelos pedagogos norte-americanos e, nas escolas, o cinema passou a tomar o lugar que lhe competia como auxiliar precioso e em muitos casos indispensável da educação.

O cinema, que para os seus inventores constituiu um pretexto de investigar, a que se aliava uma intenção de divertimento, começou a ser considerado como um formidável processo de lucro, dado o bom acolhimento com que fôra recebido pelas massas humanas sempre ávidas de sensações novas. A verdadeira — como norma moral — finalidade do cinema é falseada — não esquecer o papel desempenhado pela propaganda — e assiste-se a um enorme desenvolvimento de estudos com a produção em série de artigos cujo rápido, certo e lucrativo consumo são o único propósito. Tomam ascendente importância os filmes policiais, de aventuras ou os dramas com astros e estrelas preferidas e os ídolos capazes de arrastar multidões dóceis. É flagrantemente a criminoso deturpação da mentalidade humana, mas as empresas continuam a prosperar...

Suponho poder afirmar que a única vantagem deste período comercialista, a par de muitas outras desvantagens que me dispense de continuar a apresentar, foi o grande impulso científico dado à cinematografia. Quando se antevê o lucro certo, seja qual fôr a realização em causa, é ponto assente que se não olham a meios para fomentar o seu desenvolvimento, desde, evidentemente, que êste traga os benefícios e as compensações esperadas...

E isto tudo sem falar ainda nos propósitos dos que não aspirando diretamente às boas fontes de receita, lhe desvirtuam o papel como meio capaz de desenvolver um espírito de compreensão. Esforçando-se por criar filmes que melhor sirvam os seus fins, os perigos a que sujeitam o público ainda indeciso não são menores, antes pelo contrário pelo cuidado e habilidade com que os temas são abordados. Também não será difícil encontrar exemplos que apoiem estas afirmações.

Esta fase ainda perdura em muitos países, hábilmente sustentada por uns poucos. Será escusado definir as intenções de cada um por si, ate porque se confundem e identificam. Mas mesmo onde está mais desenvolvida, o cinema pedagógico ocupa atualmente um papel na educação que dificilmente será esquecido — ou contrariado — gra-

cas aos resultados alcançados que foram além de toda a expectativa. Criando só por si uma opinião própria, tem podido resistir a todos os esforços contrários. Não foram em vão as primeiras tentativas no campo do cinema educativo, assim como também não foi sem razão que BRADY pôde afirmar: "Passará a era do cine-drama e chegará a do cinema educativo".

Se a primeira ainda não passou, contentemo-nos com o fato do cinema educativo constituir hoje em dia uma realidade em muitos países numa ordenação de trabalho eficientemente dirigido e onde a pedagogia é olhada como qualquer coisa mais do que aquilo que vem nos livros ou se ensina teoricamente em certas cadeiras das nossas Universidades.

Ninguém põe em dúvida, que o ensino pela imagem se torna muito mais compreensivo e que a criança assimila melhor as lições quando estas são acompanhadas por esquemas, gráficos ou imagens numa tentativa de aproximação à realidade.

Em 1920, começa a esboçar-se na Inglaterra, uma corrente a favor do cinema educativo e de tal modo a sua ação se fez sentir, que foram criadas recentemente a NATIONAL COMMITTEE FOR VISUAL AIDS IN EDUCATION, com o fim de elaborar programas cinematográficos escolares e a EDUCATIONAL FOUNDATION FOR VISUAL AIDS, com o papel de manter as escolas par do desenvolvimento do cinema educativo.

O Brasil também não ficou indiferente perante o modo como o mundo civilizado recebia o progresso do cinema cultural. Nos artigos 633 a 635 da Reforma Fernando de Azevedo, elaborada em 1928, pode-se ler o seguinte:

— As escolas de ensino primário, normal, doméstico e profissional, quando funcionarem em edifícios próprios, terão salas destinadas à instalação de aparelhos de projeção fixa e animada, para fins meramente educativos.

— A Diretoria Geral de Instrução Pública orientará e procurará desenvolver por todas as formas, e mediante a ação direta dos inspetores escolares, o movimento em favor do cinema educativo.

Em todos os países, onde o problema de educação nacional é olhado com o cuidado exigido para o controle das mentalidades em formação, são as próprias companhias industriais que, além de contribuirem para a investigação científica, promovem a criação de cinematotecas escolares postas à disposição dos estabelecimentos de ensino e dos professores.

Na Geografia em Ciências Naturais, torna-se particularmente evidente o auxílio prestado pelo cinema. Na Inglaterra, foi recente-

mente realizado um filme sobre o funcionamento do aparelho digestivo, aliando a simplicidade ao extremo cuidado e veracidade na montagem.

A actividade cinematográfica, não é estranha às Matemáticas, principalmente à Geometria. Basta citar alguns filmes produzidos para os cursos do Conservatório de Artes e Offícios de Paris: simetria no plano, translações; rotações; lugares geométricos simples; simetria no espaço, etc.

Ainda em História, Engenharia, Topografia, o cinema tem constituído um precioso auxiliar do professor, sem o substituir.

Na opinião de SERRANO e VENANCIO FILHO, "é preciso não abusar do cinema. Ele tem o seu lugar e o seu momento e aí é imprescindível quasi sempre."

Mas a sua ação não se limita unicamente à escola. Com o fim de tornar conhecidos os princípios básicos de Higiene, a Cruz Vermelha organizou uma colecção de filmes sobre profilaxia de certas doenças em especial sífilis e tuberculose, sobre educação sexual, etc.

Do boletim da Unesco de Julho de 1956, pode-se ler a seguinte passagem: "Para realizar as tarefas que se lhe impõem com mais urgência — elevar o nível de vida, assegurar a sua própria subsistência alimentar e eliminar um analfabetismo de 85% da população segundo as últimas estatísticas — a Índia recorreu, entre outros meios, ao cinema."

Muitos mais exemplos se poderiam apresentar, onde o cinema tem prestado o tributo numa maior aproximação e entendimento entre os homens.

Muitos mais há que exigir dele!

Deve-se à Unesco a elaboração dos dois acordos internacionais respeitantes ao cinema educativo:

- 1) — Abolição dos direitos alfandegários sobre material cinematográfico;
- 2) — Distribuição por todos os países de filmes educativos.

Em Portugal, onde por um lado se assiste à protecção ao cinema nacional, por outro à produção de películas em ritmo crescente e de qualidade a todos bem patente — não me refiro a algumas iniciativas particulares — melhor seria que os esforços fossem conjugados no sentido de se prestar todo o auxílio necessário disponível a uma verdadeira protecção ao cinema para a educação universal.

Lisboa, Setembro, 1951.

Rui Monteiro

# QUATRO

## Sonhos

(Vanidad de los sueños, más terrible que la verdad: Juan Ramon Jimenez)

Espelho do mundo que eu criei  
Sonhos  
Luzes de Paris e água azul de Capri  
As tamareiras do Egito  
e as praias rendadas da Austrália  
As colunas quebradas da Grécia e de Roma  
a Índia mística e a China misteriosa.

Na mala os rótulos dos hoteis.

Lili Marlene  
As geishas e as sultanas,  
as louras e as morenas  
que eu amei

Na mala as cartas das amantes.

Vaidade atravessar o espelho  
A imagem são rugas e cabelos brancos

Na mala a verdade:  
Recordações insignificantes da infância.

## Cidade Natal

Os fundos do meu quintal  
e a figueira da Praça 15  
... a ponte "Hercício Luz"  
não existia  
na minha infância.

Êstes quatro poemas pertencem  
a aparecer breve, como

# POEMAS

de Anibal Nunes Pires

## Terra

Longe...  
Bem distante das coisas reais.  
Além demora o eterno.

O avião a jato se afasta  
e o mundo não é mais.

Cheiro de terra,  
impregnando o ar  
e os recuerdos  
são lembranças amargas:

Água  
em bilhas de barro,  
novas.

## Poema de amor

Meu poema de amor  
é pobre como a verdade!

Não há metáforas  
deslumbrantes

Nem hipérboles  
capciosas

Meu poema de amor  
tem a simplicidade  
brutal das coisas humanas:

A angustia do desejo  
a satisfação da posse  
ou a tragédia das frustrações.

cem ao volume "Terra Fraca",  
"Caderno SUL", nº II.

## V I A G E M

É a Poesia-Loucura que me leva...  
No continente de uma rosa virgem  
alvos degráus nos levam às estrêlas.  
As pétalas são rochas infinitas  
que resplandecem ao luar...  
A minha Companheira estende as mãos franzinas  
colhe a voz dos anjos mortos  
faz dela um cântico de mágoa  
que entorna nos meus sentidos.

Ó continente de uma rosa virgem  
por onde me arrasta a Poesia-Loucura.  
O passado e o presente são miragens  
redivivos na corola fulgurante.  
A névoa se ergue das profundidades  
esfaz-se em ilhas nos espaços  
e há canções de ninar, clarins de guerra,  
em harmonia infrene, intraduzível.

Vamos pisando as pétalas divinas  
ó doce ó estranha Companheira,  
e vou colhendo dos teus cabelos  
o orvalho santo em que o luar verteu  
a ternura dos séculos...

A noite já vai alta.  
Perdemo-nos na roça  
e em ti me perco ó Poesia-Loucura.  
Sentindo-te comigo  
hei de sempre buscar-te a face lânguida  
pelas noites e pelos dias  
pelos caminhos de rosas e pelos calvários  
pelos caminhos da vida  
pelos caminhos da morte.

Gonçalves da Costa

Tarumirim, 8-10-51.

## NOMBRES DE REPOSO

Guarda mi corazón desguarnecido  
en tus formas quebradas — hemisferio  
de la ausencia final —; bajo tu imperio  
guárdalo en su ceniza, dolorido.

Maduro en el esfuerzo sostenido  
por tus prados celestes de misterio,  
manténgalo sagrado cautiverio  
en su urgencia insensata contenido.

Macéralo después en noche ardida,  
poblada de temores siderales  
y demorados nombres de reposo.

Una flecha de asombros darz vida  
a tus pechos, gozosos manantiales,  
con un temblor de estrellas vistorioso.

Alberto Oscar Blasi  
(Argentina)

## C A R O L I N A

Fidelidad del mar a su poesía  
Flor de encaje y premura por la forma  
Aire de estrella en fondo de laureles  
Dibujados en ondas y en escamas.

Renacen bosque, signo, arquitectura  
En un declive oculto a la medida  
Solo justos al cielo y su reflejo  
En un bosque de ninfas y deslices.

Una augusta presencia los realza  
Mano de Dios el pez que los descubre  
El ojo humano pierde su recuerdo  
Cuando alcanza el coral y su escritura.

Sabia figura altiva a los detalles  
Que establecen el hombre y su estatura  
Viva en destello, en piedra o en espuma  
Existe mas al sueño que al deseo.

Blanca Terra Viera  
(Argentina)

"POEMA DA SAUDADE"

Pássaros reliquias me cruzam  
Ausências mortas,  
Me beijam idades ancestrais  
Em carícias longas que entonecem

E depois cantam em pássaros infâncias,  
Trinam amores meninos  
E dolências ingênuas que vão e vêm.  
Nunca deixando de ir e de vir...

Pobres amôres meninos de babilônias desoladas!...

## EPIFANIA

A terra éra uma ode de Anacreonte.  
O sol nasceu feliz  
e caminhou cheio de aurora.  
A paisagem toda estava vida.

Uma nuvem balançava-se ao longe  
dentro de uma claridade invisível.  
As águas doces do Tietê  
caminhavam como asfalto estático.

Também gosaste o encanto deste dia...  
Adivinhei-te através da ausência  
tinhas, então, a côr de uma alegria.

O céu era de um classicismo quase helénico.  
Fugida de alguma fábula chegaste.  
No ar dançavam cravos purpurinos.

São Paulo, 22-10-50.

Maximus Bernardus

## DESPEDIDA

Sei que você vai morrer, Dalila.  
Não chore... também não chorarei.  
Depositarei rosas vermelhas sôbre seu corpo

As lufadas de vento na janela  
Sacudirão as cortinas diáfanas  
E as rosas rolarão ao solo,  
As rosas vermelhas...

Se elas murcharem, Dalila,  
Se elas de todo secarem,  
Farei incenso  
E colocarei num turíbulo de prata,  
Para perfumar a sua cripta.

José Couto Pontes  
(Mato-Grosso)

## ESTÁTUA

De repente parei diante da vida.  
Minhas pálpebras baixaram rendidas  
e meus lábios deixaram de sorrir...

Fria estátua olhando a multidão.  
Minha alma subiu, hasteada como  
uma bandeira branca  
nua e franca  
pelos espaços insondados da imaginação!

O mundo não me viu,  
mas eu vi o mundo,  
curioso e profundo...

Não chorei!  
Não sorri!  
Não caminhei!

As estátuas não choram  
nem podem sorrir.  
Mas qualquer coisa me diz  
que elas sabem ver,  
sabem sentir...

A bandeira branca da minha alma  
descerá sobre tôdas as bandeiras,  
e vitoriosa fará caminhar minha estátua  
por terra mais firme.

Meus olhos brilharão sem sombras...  
Sorrirei triunfante;  
e talvez meus pés caminhem  
um passo só adiante...

Josefette Schwoelke

### CONVITE AOS OUTROS

Na noite a estrela é alta  
e a tristeza é cá no fundo.

Esquecida a tristeza do mundo  
Eu olho a minha estrela alta  
não cintila nem tremula  
no céu real de todo o Mundo  
é fixa não tremula

Nem triste nem meditabundo  
cantando certezas  
olho minha estrela grande  
e seguro e forte caminho  
pelos novos rumos simples

De todos os pontos todo o caminho  
vai dar a um mesmo fim

Na noite a estrela é alta  
e a cada passo simples  
mais ela desce e cresce

Quem pára é sombra  
Este caso é positivo

Todo o mundo vê a estrela  
e todas as gentes  
por rumos diferentes  
a encontrarão  
nada adiantam barreiras  
nem fronteiras

Eu vou sozinho, não perdido  
e quando lá chegar, não vencido  
encontrarei tudo e todos  
que partimos de todos pontos

Nem lendas nem contos  
só certezas e realidades  
Eu sou o Homem  
e tu também o és, camarada.

Na noite a estrela é alta  
Não é capaz a altura  
de impedir nossa aventura

Por todos caminhos vamos  
que não cintila nem tremula  
É lá que vos esperamos

— Olá, sombras, vinde também !

Luanda (Angola)

António Jacinto  
(poeta do "Movimento")

## MADRUGADA

a Fernando Lopes Graça

Esta carta é para vocês todos  
Homens do meu tempo sem poesia  
Pesadelo amanhecido num grito  
Esperança entre dunas e lodos  
Pão que me sabe a azia  
Hora renova que medito.

É para você negra sem lembrança de afecto  
Que estou lembrando e escrevendo  
E por você negro da mac Lamba e da senzala  
Viril e estático num mundo incompleto  
Evito o verbo inspirado e emendo  
O timbre da voz que vos fala.

É para vocês carregadores do meu cais  
Para os magaiças e para as negras do mercado  
E para os meninos exilados de tôdas as raças  
Que estou escrevendo versos impessoais  
E emigro nós mesmos cargueiros e arrecado  
As lágrimas e os risos e as malhas lassas.

E para vocês também Manuel Lopes e Nuno Miranda  
Meu canto dos homens e da terra bravia  
Minha saudade do abraço que me falta  
Meu amor ao sol que amadurece a seara branda  
Que as raízes e os frutos da minha poesia  
Se criam na Mamãe-Terra e na madrugada alta!

Orlando Mendes

(Moçambique)

## POEMA DA INTENÇÃO

Amor, te dediquei versos tolos  
somados à luz da flor insone.  
Ante a bruma e sombra elejo a voz,  
meu ofício. És madrugada inteira.

Gravei poemas em teus cabelos  
e mistérios espalhados sobre  
nuvens em surdina carregando  
ternuras. Meu corpo chora em ti.

Gravei poemas sobre teus lábios  
úmidos. Invento os olhos. Subo  
transformando o olhar por entre versos  
antigos. As tuas mãos primeiro.

Gravei poemas sobre teu rosto  
incerto, uma vez, anoitecendo  
rosas prematuras em teu corpo  
longe. Mar aberto em solidão.

Amor, te dediquei versos tolos  
mas eram meus.

Walmor Cardoso da Silva

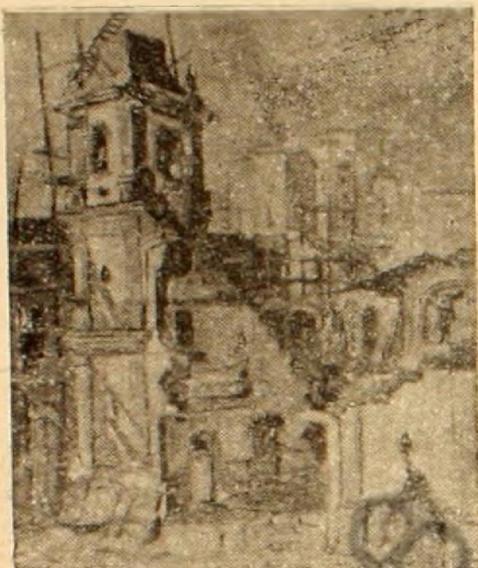
## VARIAÇÃO SOBRE UM TEMA DE ELUARD

J'écris ton nom

Aos cães da lua,  
aos soldados,  
à tua boca, e à tua,  
aos anjos pintados,  
às pedras, às cortinas  
onde a morte flutua,  
às palavras imaturas  
com olhos verdes de fome,  
à chama das mais férteis aventuras,  
atiro o teu nome, o teu nome, o teu nome!

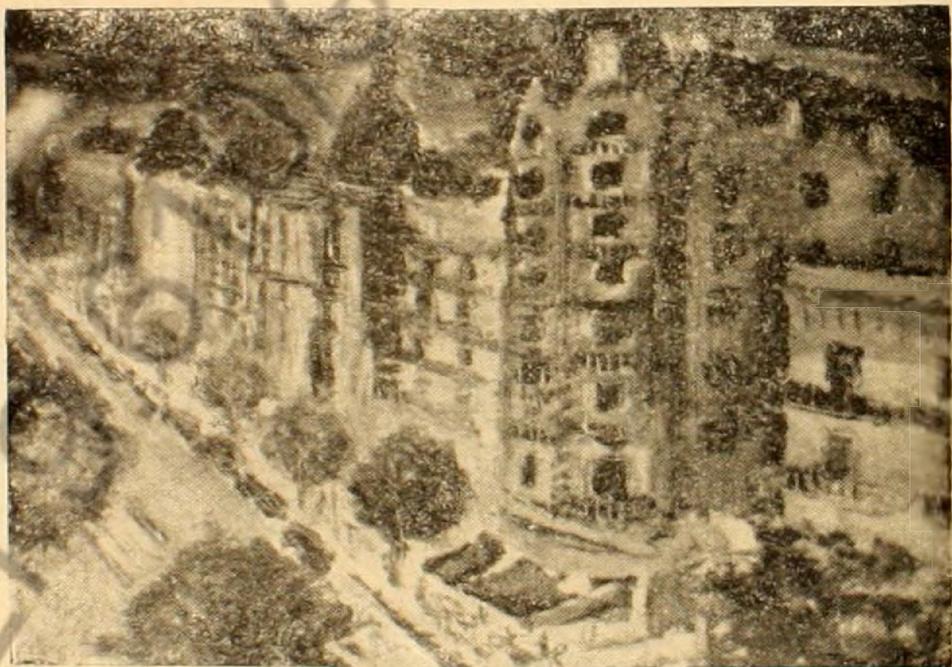
Eugénio de Andrade

(Portugal)



Igreja do Rosário

tela da pintora Clara Conti



Um dos recentes quadros do Artista Edgar Koetz  
(Ver nota à página 50 e 51)

## NOTAS BREVES

### ARTISTAS PORTUGUESES — I — JÚLIO POMAR

Júlio Pomar tem 25 anos. A sua juventude consciente é provada exuberantemente através duma já vasta obra. Exponho desde os 17 anos, êle vem marcando rigorosa personalidade não só em trabalhos de pintura, como também em escultura, cerâmica, gravura e tapeçaria.

Bem enraizado na nossa época, dela sabe tirar como verdadeiro artista, tudo o que de sensível ella pode oferecer.

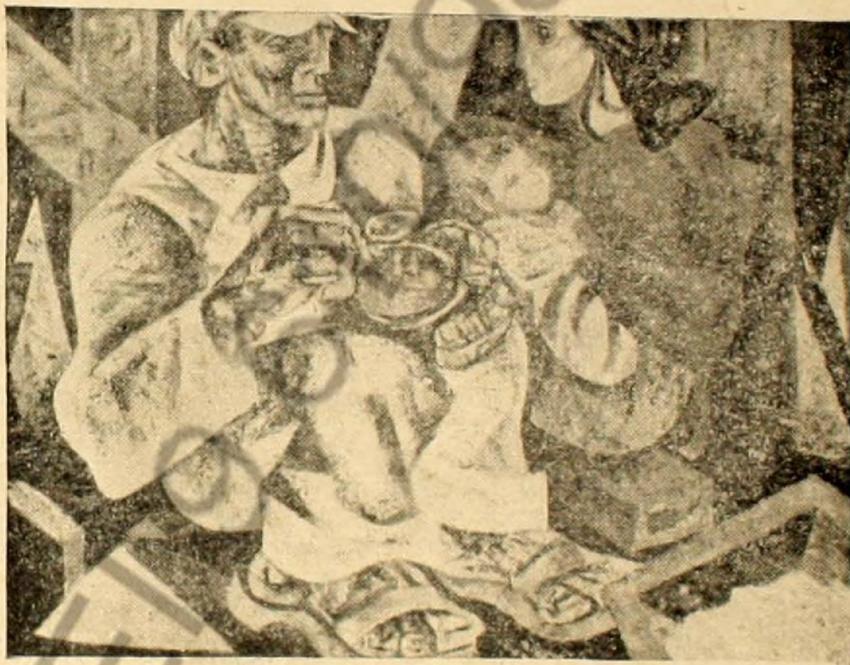
Uma poesia jovem, sentida no contacto com os problemas concre-

tos do povo, atravessa todo o seu trabalho: Uma força viril e confiante enlaça os homens, as crianças e as mulheres dos seus quadros.

Profundamente humano e conhecedor por um trabalho exaustivo de tudo o que pode preocupar o artista pelo aspecto técnico, êle é dos pintores mais representativos que hoje existem em Portugal.

Lisboa — Novembro — 1951.

Dias Coelho



Júlio Pomar — O Almoço da Trolha — Óleo

## A ESPERA

Conto de José Afrânio Moreira Duarte

Maria ficava quieta olhando para a rua silenciosa, através da janela. A vela ia se gastando no castiçal do oratório, projetando sombras incertas sobre as paredes de barro. A moça ouvia o barulho do oceano. As ondas pareciam montanhas.

Ele deveria voltar muito breve. Maria esperava ouvir logo a escadinha de madeira ranger quando o pai subisse. A cabeça doía-lhe, como se estivesse inchada, crescida. Sentia frio e nunca lhe davam agasalho. No quarto próximo sua mãe estava dormindo, ouvia-se o seu ressonar. Quando o dia viesse se levantaria para ir à igreja, como em todas as manhãs. Escutava-se o som de passos que se aproximavam na rua areenta e o barulho dos sapatos comprimindo a areia era forte àquela hora. O coração da mocinha bateu mais rápido; em breve veria a imagem querida do progenitor virar a esquina e vir abraçá-la. Mas outro pescador passava sob a sua janela. — "Aí Maria Gira, acordada a estas horas? Vai dormir, menina".

Tôdo mundo a implicar com ela! Diziam que estava louca mas não podia explicar. Estava apenas esperando por aquela volta que afirmavam ser impossível.

Primeiro Maria era como as outras: andavam juntas, brincavam juntas... Ia à escola e, quando voltava, vinha correndo para casa, com os livros debaixo do braço e os lápis de côr batendo uns nos outros dentro da caixa de sabonete. Naquele tempo a mãe era mais alegre e, à tardinha, quando os pescadores voltavam para casa, o pai vinha com eles. As vêzes chegava embriagado, sem poder parar em pé. Nos bons dias punha a filhinha numa das pernas e começava a sacudi-la imitando um cavalo.

Logo se interrompia a figura da mãe a dizer que a menina era grande demais para a brincadeira. O pescador tirava a garrafa de aguardente e na hora do jantar, colocava-a perto de seu prato na tósca mesa de madeira, limpa e sem toalha. Gostava de levar a menina à praia. Fascinava-a o mar. Via as jangadas e tinha vontade de ir em uma delas, sem destino, e se perder, para sempre!...

Um dia trouxeram aquele corpo diferente, molhado, em uma réde. A mãe já estava angustiada esperando. Faltava um pé no cadáver, talvez roído pelos peixes. A casa ficou cheia de gente e ouvia-se o murmúrio das vozes curiosas, em surdina. A velha ficou chorando, inconsolável.

Maria permaneceu afastada de todos, como se fóra uma sonâmbula, sem dizer nada. De repente caiu sem sentidos, e, quando acordou, estava assim como agora. Ouvia dizerem coisas a respeito de sua loucura, murmurarem palavras que não podia entender.

Teria no máximo vinte anos. Não era feia mas os cabelos estavam sempre desgrenhados. Não cria que o pai não pudesse voltar. Abraça-lo-ia de novo, apenas a espera seria mais longa. Embaralhava as cousas. Houvera um corpo, haviam levado um caixão para longe e a casa ficara vazia. A viúva encolia com os soluços de um convulso pranto as horas silenciosas. Seria outro o morto, talvez. As recordações eram confusas, variadas, incertas...

Quando saía à rua chamavam-na de louca e o velho apelido lhe era lançado a cada passo: "Maria Gira" — molinha ficava desconcertada, encolhida pelos cantos.

As vezes ia à igreja com a mãe. Sentava-se nas extremidades dos bancos e sentia-se inquieta quando as mulheres cobertas com filés negros e alvos, inclavam os cantos religiosos.

Todos a embelezam e davam-lhe esmolas. Os homens eram maus, ridicularizavam-na. Se estava calma, permanecia em silêncio mas, de vez em quando, se exaltava e dizia nomes que ruborizavam as moçasinhas graxelinas.

Nunca houvera, talvez, uma espera tão demorada. A mãe procurava convencê-la de que já não haveria uma volta, de que ele não viria nunca mais. Todas as noites a vela ficava acesa para iluminar aquela vigília que não cessava. As horas corriam e Maria se punha de pé, perto da janela, certa de que o pai volveria daquela vez. O resto da louca, na escuridão, era como um fantasma. De quando em quando se ouvia o seu choro baixinho e tímido, e seu soluçar. As ondas se quebravam na praia e o vento sacudava nas árvores. O vermelhão da aurora tingia os montes amarelos e, em breve, a luz do sol ficava forte demais, ofuscando o brilho da chama da vela.

A mãe se levantava e iniciava a faina diária na cozinha. Coava o café e de longe se ouvia o babilho do líquido caindo na lata. O cheiro da bebida se espalhava pela casa e as galinhas piscavam no terreiro, em interessante cacarejar. A velha limpava as gaiolas dos pássaros e varria o chão da casa. Depois se dirigia para a igreja. Antes de sair, recomendava à filha que ficasse quieta. Tratava-a como a uma criança. A mãe saía com a fita vermelha da irmandade, realçando perto do vestido azul, apertada junto ao peito, ao véu e ao livro de orações. Seus passos se distanciavam e o cantar dos pássaros era quase o único ruído dentro da casa. Ouviase o borbulho a espitar.

Era então que a louca dormia um pouco. Pela sua mente docentia não passava a ideia de que o pai voltasse de dia; durante as escuras horas da noite era que a volta se iria dar.

Uma vez o farmacêutico a chamou em sua farmácia e a levou para o laboratório. — "Tenho uma coisa para te dar, santinhos, não gostas tanto?" — Tratava-se de um senhor relativamente idoso cuja aventuras satíricas não eram desconhecidas do povo do lugarejo. O

sorriso malicioso e sensual, que sempre se estampava em sua face, lembrava algo demoníaco. De uma caixa de papelão o homem foi tirando as estampas de propaganda. — "Olha, Maria, tem Santo Antônio, S. Miguel, S. João com o carneirinho..." — Maria ria satisfeita e ia tomando as estampas coloridas. De repente o homem a agarrou e começou a beijá-la, tentando rasgar, com os dentes, o seu vestido. Gritando, ela conseguiu escapar. Saiu correndo para a rua, aos gritos. Julgando o povo que se tratasse de mais um acesso de loucura, deixou-a em paz. Apenas se ouviam os comentários pesados.

Maria escutava o cochichar das vizinhas aconselhando sua mãe a enviá-la para o manicômio. Já não podia compreender ao certo o que fosse. Seria talvez um lugar longe, diferente, onde éle a esperasse. A moça emudecera quase. Apenas respondia por monossílabos as perguntas que lhe faziam.

Havia ocasiões em que os acessos se intensificavam. A princípio a mãe tinha paciência mas depois foi perdendo a calma antiga. Se ela começava a gritar, batia-lhe com o chicote. — "Agora vai calar?" — A moça quieta e continha-se.

Por que seriam os outros tão diferentes? Por que teimavam em não compreender? Sua cabeça parecia aumentada, tinha a impressão de que a parte interna crescia incessantemente. Doía-lhe o corpo e retorcia-se em desespero. No silêncio daquela madrugada parecia-lhe que tudo se avermelhava. Apertava a cabeça com as mãos, suava. Queria gritar mas o chicote pendurado na parede era como uma ameaça. Ventava. O barulho das folhas das árvores, era superado pelo ruído do mar.

A velha dormia no quarto vizinho. Sem se poder conter, Maria levantou-se. Acendeu a vela para iniciar a espera mas o vento que anunciava a tempestade, tentou apagá-la. Queria que o velho viesse para que ela sentasse no chão e pusesse a cabeça em seus joelhos. Ele lhe acariciava os cabelos e, com o hálito cheirando a álcool, contava-lhe as lendas dos marinheiros. Tudo se confundia em seguida e as recordações eram olvidadas.

Maria tinha a impressão de que uma quantidade excessiva de sangue se revolvia dentro de seu cérebro. Ficaria livre dos martírios se éle voltasse. Deixou o quarto pobre e saiu para a rua. Na parede cheia de estampas sacras, a vela projetou sua imagem e depois a chama ficou quase a apagar ao sopro do vento que abrira, por completo, a janela antes semicerrada.

Ela corria pelas ruelas desertas. Tomada de fúria, rasgou o vestido que ficou reduzido a tiras. Na corrente que trazia ao peito, as medalhas religiosas balançavam fazendo um ruído semelhante ao de moedas que se chocam nos bolsos. O mar, negro, causava terror. Maria continuava a correr, sem rumo certo, como se uma força mati-

# O LOBISHOMEM

CONTO de João Paulo Silveira de Sousa

Já era noitinha, quando me encontrei com o Junco.

— Sabe, me disse ele, o Zé Minguta faz anos hoje e o pessoal vai, com a banda de música, fazer-lhe uma "surpreza". Vai ter doces e bebidas à bessa. Andei bispando a casa dele e calculo que o brodio vai ser grosso. Vamos lá?

— Ora se vamos. Gosto de apreciar essas funções...

O Zé Minguta, filho do velho Tindiquera, foi taipetro e depois de passar anos à fio, a empilhar pedras, cercando poteiros e invernadas, tendo juntado alguma chelpa, veio para a tregezia, onde se estabeleceu com uma pequena bodega. Teve sorte e foi prosperando rapidamente e agora já era homem arremediado. Diziam à boca pequena, que ele tinha achado uma panela de dinheiro e que, para não dar nas vistas, ia trocando aos poucos, na cidade, as onças de ouro e aumentando o seu sortimento. Daí, aquela prosperidade. Outros, porém, não acreditavam nisso e diziam que aquilo era pôtra mesmo... Seja como for, o fato é que ele agora era um homem considerado no lugar. Sua mania, aliás inocente, consistia em ler o dicionário, para decorar palavras bonitas. Quando lia muito e não encontrava alguma do seu grado, ficava um pouco ranzinza; no mais, ótima pessoa. Baixinho e gorducho, muito agradável, todo mundo gostava dele.

Desconfiado que teria "surpreza" naquele dia, não quis, Zé Minguta, que o pegassem desprevenido. Por isso a sua casa estava numa lufa-lufa danada, com os preparativos, pois sabia que o número de "amigos e admiradores" seria aumentado. E foi.

Estávamos eu e Junco, rondando ali por perto, quando a banda, toda perfilada e seguida de um grupo de manifestantes "arrebeantou os canudos" executando o "Carro do Jacinto" que era a música da moda. Juntamo-nos ao grupo. Na porta, todo formalizado estava o Zé Minguta que, quando a banda terminou a peça, foi convidando o pessoal a torto e a direito, para entrar.

---

gna a impulsionasse. No vento, fortíssimo, parecia ouvir vozes que a chamavam. Tinha a impressão de que alguém gargalhava em desespero. Nunca sentiu tanto a falta de seu pai como naqueles momentos angustiosos.

Deitou-se na areia molhada e ficou quietinha. Então começou a gritar, enquanto pôde. Ali não tinha importância, a mãe não a castigaria, o chicote estava longe! A água molhava-a e, forte, parecia arrastada. O oceano agigantava-se, seu ruído era tremendo!...

Quando amanheceu não havia nenhum corpo sobre a areia. Somente se revolviavam furiosas as ondas do mar!...

Logo que entramos, ainda espremidos no atotão, ouvimos uma voz pausada: — "Peço a palavra!" Veio o silêncio. Então o Vitorino, aprendiz de alfaiate e moço muito futuroso", de furabolo em riste, começou a discursar. Entre outras coisas ouvimos: — "Aqui estou, senhores, debaixo deste teto e encima deste assoalho, não para saudar um pé de lagarto qualquer... mas... para saudar um homem que honra o sexo de que faz parte"... etc., etc.... E nesse diapásão foi até ao fim, quando pediu que todos o acompanhassem num "viva esfuante e omissoño" ao aniversariante e à toda sua família.

Soaram vivas e a banda de música atacou um "esfuante", porém multissono dobrado, sendo também, muito aplaudida ao terminar. Já era tempo... Ansiosos estávamos pelo que mais convinha: — os comes e bebes. Eles não se fizeram demorar, com a abundância que previamos. Do interior da casa fôra surgindo os "serventes" trazendo bandeijas repletas de doces sécos, umas; e de bebidas, outras. O avanço foi geral.

Quando algum "distraído" excedia-se em servir-se, introduzindo pelos bolsos alguns docinhos, um "engraçado" qualquer bradava:

— Devagar nas pedras. Isso não é pinhão!

Risada geral; o "distraído", pegado no "sufragante" também dava uma risadinha amarela; a banda, para disfarçar, executava qualquer coisa, e a farra seguia no meio da maior cordialidade, noite a dentro.

O Zé Minguta, todo lampeiro e feliz, passeava por entre o pessoal atirando gracinhas. Vendo-me calado e um pouco abstraído, trocou:

— Então, você não diz nada, rapaz? Está aí, feito um "estupe facto!"

Eu compreendi que ele quis chamar-me de pasmado, mas como se expressou em linguagem elevada e quasi ninguém entendeu, apenas respondi:

— É o meu jeito....

E ele seguiu adiante, como o barquinho dos versos do Antônio Violão — risonho e garbeço.

Éra quasi meia-noite. Abarrotados dos sequilhos do Zé Minguta, regalos com repetidos goles de um licor muito doce feito em casa, especialidade da patrão do Zé, resolvemos sair.

A rua grande estava engolfada num silêncio completo. De repente, me disse o Junico;

— Escute! Não está ouvindo um barulho que vem lá da rua de baixo?

— Ouço qualquer coisa. Creio que latidos de cães.

— Olhe, hoje é sexta-feira, dia de lobishomem.

— Você já viu lobishomem?

— Vi. Dizem que de vez em quando, nas sextas-feiras, à meia-

noite, ele passa por aqui. Só vi, malemal, uma vez, porque sempre me recollo cedo, a casa. Escute só, o barulho que fazem os cachorros! O bicho vem aí!

Eu já estava ouvindo distintamente. O barulho ia aos poucos aumentando e dentro em breve era ensurdecedor e, naquelas circunstâncias, tornava-se aterrador! Vinha lá de baixo, das bandas da casa do "seu" Felipe e pouco depois o bando de cachorros invadiu a rua grande, onde estávamos, ganhando desesperadamente!

— Credo em cruz — gritamos.

Na frente da matilha, vimos, horrorizados, um carrochão preto, maior que os outros, cuspido chispas de fogo!...

Vinha seguido de perto por outros cachorros mais valentes e, mais atrás, uma multidão de jaguaras e guapecas completava o terrífico bando, com alarido infernal!

Eu vi aquilo, à luz embaçada das estrelas e fiquei gelado de terror ou como diria o Zé Minguta, — estupefacto.

Passado o primeiro instante de pavor e já um pouco refeitos, corremos em direção a conzoeira que já ia bem distanciada. Lobrigamos, ainda, quando dobrava uma curva, no fim da rua, para momentos depois, reaparecer lá em cima, em frente da casa da sinhá Maria Violenta e, em seguida, embrenhar-se na capoeira próxima. Fomos até à frente da casinha da Violenta e como notamos uma res-tia de luz, resolvemos bater. Sinhá Maria apareceu à porta e conversamos. Disse-nos que diversas vezes tinha ouvido aquele barulhão, mas nunca viu o lobishomem, porque não tinha coragem de abrir a porta. E continuou:

— Cá prá mim, êle tem toca na capoeira, porque os cachorros voltam logo depois que êle lá se mete. Quando escuto o barulho, levanto-me e acendo a vela, pois da vez que fiquei quieta no escuro, sumiu-se uma galinha e penso que foi o amaldiçoado que comeu.

Voltamos. Pela rua vimos alguns cachorros, encolhidos murchos, que se retiravam como vencidos...

Depedi-me do Junico e fui dormir, em casa de um parente. Deitei-me logo, mas não foi possível dormir, naquela resto de noite, tal a agitação interior que me dominava. Não me safa da cabeça esta idéia desconcertante:

— O que seria aquilo? Então será verdade que existe mesmo lobishomem?

Eu já sabia da história do lobishomem, pois muitas pessoas "entendêdes" já me haviam contado e explicado minuciosamente, que o lobishomem é um indivíduo marcado por um poder extraordinário e fatal, a que chamam "fado".

E assim, durante algumas horas em determinados dias, geralmente nas sextas-feiras, êle vê-se transformado em lobo e então sai a vaguear pelos povoados a procura de galinheiros onde obtem o seu alimento preferido, que é excremento de galinhas Ninguém deve

feri-lo ou tentar matá-lo, porque então ficará com o "fado" e o que até aí o carregava, ficará livre de sua triste sina. Diliam mesmo, que à distancia de pouco mais de meia légua da povoação, existia um homem a quem muita gente attribuia ser o lobishomem que de vez em quando por ali apparecia. Tratava-se de um tal "seu" Nório, indivíduo que raramente apparecia a seus semelhantes e vivia em casa metido na cozinha, sem dar trélas a ninguém.

Eu conhecia a sua espôsa, a d. Sinhana, que era a "comadre" mais procurada naquelas redondezas, pelas senhoras que esperavam a visita da cegonha, porque (diziam) era muito hábil no seu officio e era realmente uma senhora muito bondosa e simpática.

Certo dia precisei viajar a cavallo para os lados do Passo Fundo, onde ficava a casa de "seu" Nório e quando já de volta passava em frente da dita casa, avistei d. Sinhana e aproximei-me para cumprimentá-la. Ela insistiu que eu apeiasse e entrasse um bocadinho. Acedi. Depois de conversarmos um pouco, como ali, na sala, estivesse frio (pois era no inverno) elle convidou-me para irmos até a cozinha, onde nos aqueceria-mos e podia-se comer uns pinhõesinhos, assados. Acompanhei-lhe e ao passar por um pequeno corredor, ví, entre outros objetos, um grande pelego preto estendido num varal; tratando-se de objetos comuns nas casas de sítios, nada percebi de mais. Entramos na cozinha. Era de chão batido e no meio estava aceso um bom fogo e ali bem rente às cinzas, estava sentado num banquinho baixo de quatro pernas, o "seu" Nório. Saudel-o, dizendo algumas palavras, mas em resposta somente recebi tradicional "Boas tardes" e ele ali como estava, ficou, quieto e parece que indifferente à minha presença. Já o tinha visto em outra ocasião, sem entretanto, prestar-lhe maior atenção, mas agora, ante o que sabia a seu respeito, desfargando, examinei-lhe com a vista, minuciosamente.

Era um homem extremamente feio. Não era alto nem baixo. Magro, pescoço comprido e fino, tendo lá na ponta, fincada, uma cabeceira pequena, redonda e calva, parecendo um marmelo grudado na ponta da vara... Mas o que tornava mais esquisito eram uns olhinhos miúdos, bem redondinhos e quase sem sobrancelhas, apenas uns fiosinhos de nada, arruivados, quase brancos. E logo abaixo emergia um nariz saliente e fino arrematado por uma boca desdentada e mole. O que mais me impressionou, entretanto, foi alguns arranhões que marcavam o seu rosto imberbe, um dos quais, mais profundo, era no nariz. Isso fez-me pensar que estava de fato, em frente de um autêntico lobishomem, pois parecia a mim, que os arranhões eram prova de que ele andara vagueando por lugares pouco aces-

stiveis...

Depois de ouvir mais algumas tagarelices de d. Sinhana e comido uns gostosos pinhões assados, despedi-me, rumo a casa que habitávamos, no Engenho Velho, bastante impressionado.

No caminho, esbarrei-me com o Angélico, que andara campereando e também se dirigia para a sua casa, que ficava lá na ponta do Capão Grande. Caminhamos juntos um bom pedaço de estrada e falei-lhe do lobishomem e das minhas dúvidas e apreensões:

— Não posso admitir que a bondosa d. Sinhana tenha por esposo um lobishomem... mas os ditos do povo e os indícios que observei, fazem-me pensativo.

O Angélico, sempre palrador e bem humorado me respondeu:

— Você então acredita em lobi-homem?!... Isso é besteira do povo!... Olhe, eu se encontrar com um dos tais, só não sapéco fogo, para não matar um cristão, mas lhe garanto que hei de dar-lhe uns bons guascaços; éle ficará sabendo que gosto tem a soiteira no meu arredor!...

— Pois acredito, porque vi lá na povoação. É um cachorrão preto, medonho e lança chispas de fogo!...

— Acredito que você viu alguma coisa, replicou o Angélico. Outros já me disseram que também viram; uns dizem que parece um terneiro de ano; outros dizem que é um chibarro sem chifres; você diz que é cachorro; prá mim não é nada disso!... Eu não sei bem, mas desconfio o que seja...

— O que vem a ser, então?!

— Conheço bem a casa de "seu" Nório. E prestei muita atenção num pelegão preto que éle guarda no corredorzinho que dá para a cozinha. O pelego tem por dentro umas alças. Pelego para forrar lombilho, não precisa de alças, segura-se com sobrechincha. Portanto, aquele deve ter outra serventia...

— E o que tem isso com o caso?

— Desconfio que aquele pelego seja o vestuário do lobishomem... Indague você se é verdade ou não que toda vez que o lobishomem aparece em cena, alguma galinha gorda "leva sumiço"...

— Mas as crianças d'

— Mas as chispas de fogo que o bicho lança?... Eu ví...

— Ora, você ignora o que todos nós aqui da campanha estamos cansados de saber. A cachorrada da povoação é vagabunda e medrosa, de tantas pedradas que leva dos moléques, mas, além disso, por brabo que seja um cachorro, foge amedrontado toda vez que se ris que um fósforo em sua frente, na escuridão.

— Quer dizer então...

— Que o lobishomem de voceis, leva uma boa provisão de fósforos, toda a vez que lhe apetece papar um galinha gorda, cozida com quítera... Ele sabe que ninguém o ataca com medo de pegar o "fado" e com os fósforos se livra da cachorrada e causa maior impressão aos que virem o "bicho"...

Separámo-nos e eu ainda fui parafusando se devia acreditar no que dizia a maior parte dos habitantes da povoação, achando mais fundamento nas suposições do Angélico, caboclo vivo e decidido...

## DESASTRE

O. C. Malheiros Jr.

Bernardo saiu. Sôzinho e contente. Contente apesar de que, nestas cidadezinhas atrasadas, raramente alguém pode sair de casa contente. Mas hoje há um motivo especial.

Bernardo caminha de vagar, rememorando os fatos sensacionais já havidos aqui. Tem gente que diz que nada acontece de novo, que a vida aqui é chata, etc. Porém, ultimamente, isto vem sendo desmentido. Primeiro, as eleições, cheia de confusão, de atividades políticos (chamadas "traição" pelos inimigos do momento). Fulano passa do partido A para o B e daí para um terceiro. Briga de amigos hoje, que serão inimigos amanhã, e novamente amigos depois. Coisas que acontecem.

É certo que uma cidade, por menor que seja, sempre tem seus atrativos depende de como se os encara. É preciso ter um jeito especial de vêr as coisas. Os diz-que-diz que são a maior diversão de um habitante inteligente. Deve-se saber aumentar o valôr das falações. Acrescentar sempre algum detalhe novo. Aliás, uma história bem contada faz muito efeito. Podê-se até chegar ao maximo do prazer que é ouvir alguém contar pra nós, muito segredo, um fato por nós inventado. Chega a dar água na bôca. Na verdade, às veses, até coisas realmente inéditas acontecem. Então precisamos tratá-las com muita atenção, carinho mesmo.

A morte da cigana foi uma delas.

Uma cigana, pertencente a um grupo acampado aqui, meses atrás, morreu na maternidade. Parto mal sucedido. Parecia que tóda a cidade se deslocara para o largo aonde estavam as barracas. Acotovelamento. Empurrões. "Deixa eu vêr". Um desejo imenso de observar o corpo da morta que estava recebendo as últimas homenagens e rituais de sua religião.

Bernardo naquêle dia chegou cedo. Apesar disto levou um tempo enorme para conseguir vaga. Depois de lutar, suar, pedir licenças, empurrar, principalmente empurar, pôde, espichando o pescoço, vêr um caixão coberto de flores, vários ciganos e ciganas em roda entoando cânticos funebres. Tudo em meio a uma grande imundície. Crianças magras e desnutridas, com o rosto, as pernas, os braços cobertos de lama. Roupas coloridas, desbotadas, dando impressão de dias melhores. Cheiro de passado. Etapa da civilização já superada.

Ouviu-se claramente os "ós" de desencanto. Foi em verdade uma decepção geral. Os que haviam alcançado a custo a primeira fila em tôrno das barracas se afastaram desalentados. O que mais impressionou Bernardo foram os cânticos. Chegavam a ser bonitos, lamentosos e cheios de sentimento. A pergunta ficara crescendo no

cerebro — então os ciganos também têm sentimentos? ... Os informantes haviam dito que as cerimônias fúnebres eram executadas em torno duma fogueira, com gritos e armas na mão. Corria que o insucesso fora motivado pela incompetência do médico que assistira o parto e que o viuvo jurara matá-lo. "Hei de vingar sua morte (da esposa), mesmo que isto me custe a vida", — esta aproximadamente a frase atribuída ao "tresloucado".

— A policia está cercando a casa do médico para protegê-lo...

As frases novidadeiras rolavam. Muitas coisas se diziam. A respeito de como morrera a cigana, das cerimônias e ainda a respeito da criança que sobrevivera. (Uma senhora caridosa já se ofereceu para criar o menino. A Avó d'ele disse que não permitiria semelhante coisa de forma alguma, êle, o menino havia de ficar para suprir a falta da mãe.)

Mas o alvo maior das atenções era o viuvo. Especialmente as mocinhas românticas viram em seu tipo atlético, moreno, exótico, a personificação do príncipe encantado que elas sempre esperam sem o confessar.

As observações corriam em vozes de início baixas:

— O viuvo é bacana, menina, eu até seria capaz de ...

— Dizem que os ciganos são ricos!

— "Ele" tem vários prédios de apartamento no Rio e em São Paulo.

E explicavam a miséria em que vivia aquela tribu nômade com um sonhador:

— Eles gostam de viver assim...

Estava aberto um imenso debate em torno de um ponto que poderia tornar-se apaixonante.

— É verdade que eles, quando viajam sózinhos, deixam a mulher em uma cidade grande, bem guardada, esperando sua volta?

— Eles são ciumentos...

Enfim transformaram um simples agrupamento de pobres ciganos, sofrendo a dor tão humana da perda de um companheiro, em famigerados personagens de novelas radiofônicas.

Porém, cigano, mesmo em cidade pequena, mesmo morrendo de parto, é assunto que não dura muito. A tarde já tinham perdido grande parte de interesse. Só ficaram os convites feitos, durante o futing, em altas vozes:

— Vamos ver o viuvo? É bacana.

Ou, então as observações quasi incoloras, vãs tentativas de tirar algum efeito novo, nem que fôsse cômico, caso não pudesse ser levado a sério.

— O enterro já saiu. Eles alugaram todos os carros da praça. Subiu, eles fizeram um "barra" dum túmulo. Foram eles mesmos, hoje de manhã...

## A QUATRO PAREDES

Nataniel Dantas  
Para Paulo Jorge

Auscultou-me com cuidado. De sua cabeça grisalha entrava-me às narinas um aroma doce de alfazema; coisa estranha para um médico de aldeia. De cenho franzido se pôs a guardar, depois, os instrumentos, calado, sem palavra. Olhou, após com interêsse as paredes do quarto, a estante e o São José que trago à cabeceira. Estava como se tateando a palavra para o seu diagnóstico ou concluindo-o por meio da atmosfera onde permanecia o doente — não sei dizer.

— “Nada tem senhorinho — fêz êle afinal.”

— Nada?!

— “É um sinal do tempo. V. S. Em duma terra ensolarada, sem estes tédios e sofre por isto. Mas também não contribui pelo que es-

---

— Imagina, os ciganos juraram nunca mais voltar a esta cidade maldita...

Nada mais adiantava. O caso perdera o sabôr. Definitivamente

\* \* \*

Bernardo caminhou mais ligeiro. Já avistava o ajuntamento em frente à delegacia. Os corpos dos mortos no desastre do avião deviam ter chegado. E as novidades também.

Fez-se de ignorante:

— Que foi?...

Fôra um avião. Caiu no mar. Morreram todos os tripulantes e passageiros. Alguns estão irreconhecíveis. Coitados.

— Não pode não ver. Só se fôr estudante de direito. Medicina legal. Sabe um é aquele... que estava noivo.... Ainda ontem eu vi os dois... Coitado. Mas.... imagine que a noiva nem....

E começavam os poréns, os detalhes, que foram aos poucos deixando em Bernardo uma impressão triste, enojada. Perdeu o gosto antigo pelo escandalo, pelas novidades, que antes sentia mesmo em detrimento da felicidade alheia. Entre as notícias procuradas avidamente veio o nome de um dos passageiros.

— O rapaz, o noivo, era seu amigo. Só agora vinha a saber que êle estava no avião. Sentia uma onda de sentimento humano tomar conta de si, vagorosamente, inapelavelmente.

Olhou com raiva aquela massa de curiosos. Talvez homens com sentimentos de feras. Êle, até a pouco, fora um deles.

Bernardo afastou-se lentamente, passos pesados, em direção ao Telegrafo.

tou a ver", fêz uma gesto desgolado a aponttar para estante — "sua leitura. Afeta muito seu estado..."

Apesar de nada dizer me senti desolado.

— É do Brasil, não?" — continuou.

Sim, do Rio. Da capital.

— "Há lá um primo que não ponho olhos há muito. Fomos amigos de rapazes, isto lá vão uns bons trinta anos... Mas V. S. nada tem" — disse tomando o fio profissional da palestra após um trocar de banalidades sôbre viagens, parentes, etc., já de pé para sair — "se quer ler que leia, coisas mais leves e menos sombrias porém. Mais leves, compreende? mais leves..."

Perco, agora e daqui, seu vulto negro se esgueirando aos sutitos pelo lajedo coberto de neve, a sobraçar a maleta fanada e russa, aliás um paradoxo com seu cheirinho de alface. Ora mais esta: um Rimbaud, Sá Carneiro ou Antônio Machado que mal me haverlam fazer? Mas anda cá; afinal pela primeira vez um diagnóstico me parece certo e me põe em conjecturas. Sim, as leituras contribuem para o estado melancólico em que vivo nestes dias de inverno, reconheço. Existe porém um motivo: por elas procuro um contacto, a solidariedade muda em conformidade com meu estado psiquico. Todavia, as coisas não sucedem sem origem plausível, existe sempre uma razão remota. No meu caso, as leituras, são um reflexo pálido onde procuro sentir como à um espelho o meu próprio erro. Tudo parte de meu avô. Sim, de meu avô que detesto. Oh!

— É uma verdade e a tia-vó também.

— "Tem-te as mãos, António, o queixito, a voz dos teus bons tempos" — dizia-lhe a irmã com certo júbilo ao me ver entrar. Afinal de contas — devia murmurar lá consigo — olha que por pouco não me é neto"....

Este diálogo da velha me enche os ouvidos duma ironia amarga. Gostaria de lhe fazer escutar suas palavras, os pensamentos ulfânicos daquela hora. Oh! mas que semelhanças? Já as procurei em fotografia, ao espelho porém me escapam, fogem-me a percepção. Com toda certeza ela o tenha dito por mero entusiasmo. O entusiasmo nos faz dizer absurdos.

Posso vê-lo mesmo chelos de curiosidade a me fitarem no salão. Havia em toda um levitar de um acontecimento desusado nesta casa de velhos. O salão aberto com suas cortinas amarelas, com os "biscuits" foscos nas vitrinas, mais suas cadeiras de braço em palhinha austriaca. Perpassava-me pelas narinas um odor de sala fechada. O retrato da vó lá estava austero com seu bucinho ténue por cima do console. Fazia seis meses — mais!! uns oito — que dali saltava calma no seu sono de morta. Estes pensamentos rolaram por terra de súbito. A alegria em ver-me pela primeira vez enchia os velhos e a mim. Posso vê-los!

E Ana? Oh! — não me é difficil descobri-la com as faces rubras, com os cabelos cheios de reflexos dourados, caminhando por entre os buchos ou pelas latadas; espiando os ninhos ou dolhos guardados à face do "Santo", a ouvir-lhe as profecias absurdas. Posso... não, a esta hora deve andar a cozer broas, curvada à terrina a descaçar vagens para a refeição da noite.

Agora, aqui, neste instante, cai lá fora a neve. Neve uma neve ignorante de como me vai tornando funda a distância das coisas, como o crepitar na lareira me faz remeter conjecturas absurdas.

Sob meus pés, no andar inferior, as duas imagens me aparecem recurvadas com os olhos riscados pelas chamas do fogo. Talvez ela relembre um fato antigo com azedume; faça alusões sobre o ocorrido acrescentando detalhes capciosos de acôrdo com sua imaginação senil. Ele, ah!, balançará com a cabeça aprovativo rindo baixinho com as pupilas dançando-lhe nas órbitas. Tudo, tudo cairá de sua pena à carta. Dirá infâmias. Contará a meu pai sem reservas numa letra adunca e ilegível, o motivo pelo qual me envia de volta, mal sabendo que em tudo vai uma quesilha antiga da irmã com o sobrinho.

Oh! com que triunfos o risinho lhe abrirá nas faces beatas os lábios murchos. Por esta satisfaçãosinha andava a espreita há bocados. Deus lhe não deixaria acabar os dffasitos sem matar aquéla sede. E não era nada diante dos sofrimentos de sua rica Mercedes. Que ela visse dos céus a sua rica.

— "Não, mãe são gênios" — dizia eu.

— "Verasinho, verás!"

Escuto com nitidez estes diálogos, a desculpa que formava a favor dos velhos... Afinal que culpa tenho que o pai me haja preferido à mãe ao invés da prima... A velha rejubila-se agora da infelicidade cometida. Rí e com que regalos.

Com toda certeza... Não, a velha deve me andar a espreita! Aqui ao lado prosternada ao oratório na sua devoção da tarde. O rosário lhe escorre nos dedos magros enquanto os lábios balbuciam oras intermináveis. Sim, sem dúvida que lá está de joelhos no seu luto, com os cabelos occultos sob o fichu de renda. Oh, quanta devoção aos deuses! Quanto esforço para lograr uma impossível absolvição celeste! — tenho a impressão de que as oras lhe chegam ao destino ou seguem as rotas do demônio. Porque de sua bóca só brotam pragas, queixas azedas de um rendeiro, por pouco e de tudo. Agora, me pergunto; que culpa tenho — repito — de suas desavenças com o pai, porque hei de pagar conjuntamente com Ana?

Todavia lá está. .... ele mesmo, o sr. cura com sua cara né dia de boas cores como convém a um prelado, a me indagar de coisas da Bahia. Achava certos festejos pagãos demais, mas ouvia-me satisfeito gozando-os. Ao louvar-lhe a paróquia manuelina e as tra-

dições de sua ordem corava um pouco, mas não podia reprimir um sorriso orgulhoso e um "V. S. é bondoso." Ela porém perdia a loquacidade, absorvia-nos as palavras, deixando para o caminho as perguntas.

Se não fomos à igreja acompanhava-a a casa do "Santo". Era uma espécie de profeta bíblico, longas barbas negras, face macerada, olhos brilhantes escondidos em órbitas fugidias. Punha-se sempre a porta a mirar o abstrato. O vento lhe oscilava as barbas e as trepadeiras da varanda num contraste singular com sua atitude pétreia e absorta: elas oscilavam, oscilavam de leve, levemente. E o "Santo" a troco de uma galinha, duas vagens, deitava a sorte num painel sobre uma tremepe vendo nos vapores os destinos, as más novas.

Havia o infatigável moço rico, a fortuna lotérica e uma grave notícia nos seus oráculos. Dava remédios e breves virtuosos para frieiras, má digestão, papeiras ou males dolhados. Para Ana a linguagem cabalística transformava-se numa charada. Franzia a testa. Repetia-as várias vezes e vencida, solicitava-me os officios de decifrador.

"— Mas escuta cá, quem poderá ser esta mulher loura "ou" De qual dos parentes vou ter heranças? Só se for dalgum desconhecido. Papai falava — é verdade — sempre duns irmãos do Brasil!..."

O avô aos poucos, sem que estivesse, foi-se tornando mais seco. Nenhuma palavra, o riso se lhe embotou, nossas refeições em comum eram quase tediosas. Acreditava que o normal lhe tivesse voltado. Passavam-se os primeiros dias em que fôra motivo de curiosidade e agora, já me havendo conhecido, retornava ao taciturnismo normal. Supunha sofrer ainda dos efeitos da viuvez. A avó lhe deixou há meses. Tentei animá-lo, lançar-lhe ao espirito as sementes da satisfação, a contar casos, ninharias familiares, etc. Mas era difficil demovê-lo, extrair-lhe a secura das faces enrugadas. Resolvi então abandoná-lo. Acostumei-me com êle — Seria mais cômodo.

Espantoso foi que me disse. Parece-me agora. Não: aconteceu ao cair das folhas, pelos fins do outono. Saia com Ana atraído pelas visões outonais impregando a paisagem; o chão se recamando de folhas douradas, enquanto os loureiros, as macieiras são troncos pardos e desnudos, os traços do sol amenos, os tons celestes menos crus e as árvores pendendo grávidas de frutos ao passo que se caminha para o descer lento das neves. Tudo para mim continha novidade. Ana não me largava... Por que? Eu mesmo não sabia. Não sabíamos, aliás. Não cogitávamos...

Espantoso foi que disse meu avô. Dês aquela noite o seu dialogo me lhe aos buvidos e por isto, o ódio me recrudesce dentro das veias. Odió? Mas!...

A tia — posso ver nitidamente — escutava-nos com o olhar nas biqueiras do sapato. Gozava a sua obra. Sorria com malícia disfarçada a cada conclusão maliciosa... E o velho exasperava-se quase em seus gritos injuriosos.

Ódio? Não. Devo corrigir. Simplesmente uma dissolução. Repugna-me as atitudes do avô, a sua senilidade um tanto...

Foram-lhe dizer que andava pelas sebes, nas sombras das árvores em libertinagens com a sua "pupila", (Pupila? custa a crer que... Oh! mas é a verdade!...).

Neguei-lhe. Impossível acreditar em tais misérias. Nem de leve passou-se-me pelo pensamento um desejo, embora por refreado que me fosse. O que nos unia, sim, vinha da nossa mocidade, partia de uma amizade sem interesse, e será impossível...? Porém é que por aqui são raros os rapazes de minha idade que possam levar uma vida desocupada de passellos, de prazeres. Vem cá o Tonico. O Tonico, mas...

Levantei a voz. Chamei-o mentiroso. Exasperou-o e o vi cair apoplético e sufocado de cólera. Reanimou-se após o levaram-no ao quarto. Que demesos! Que de agonias! Não preguet ôhio durante a noite. Julgava-o morto. Ferri o braço — um arranhão de só menos acima do cotovelo... Respirei que alivio.

Mas tudo foi obra da velha. Mentiu. Forjou a intriga insulada pelo ressentimento velho. Como? Ora vá se lá saber.

Não sou dos que se retratam. Aguardo o momento em que os fatos se aclararem. Enquanto isto a tia palmilha pela casa com suas saias negras, orando pelas avencanças ou a mastigar sua vlagancasinha com ventura. Vejo-a daquí enrolada em mantas, muito cêdo, ir para missa matinal e voltar mais sêca, mais delgada no seu passinho de pássaro.

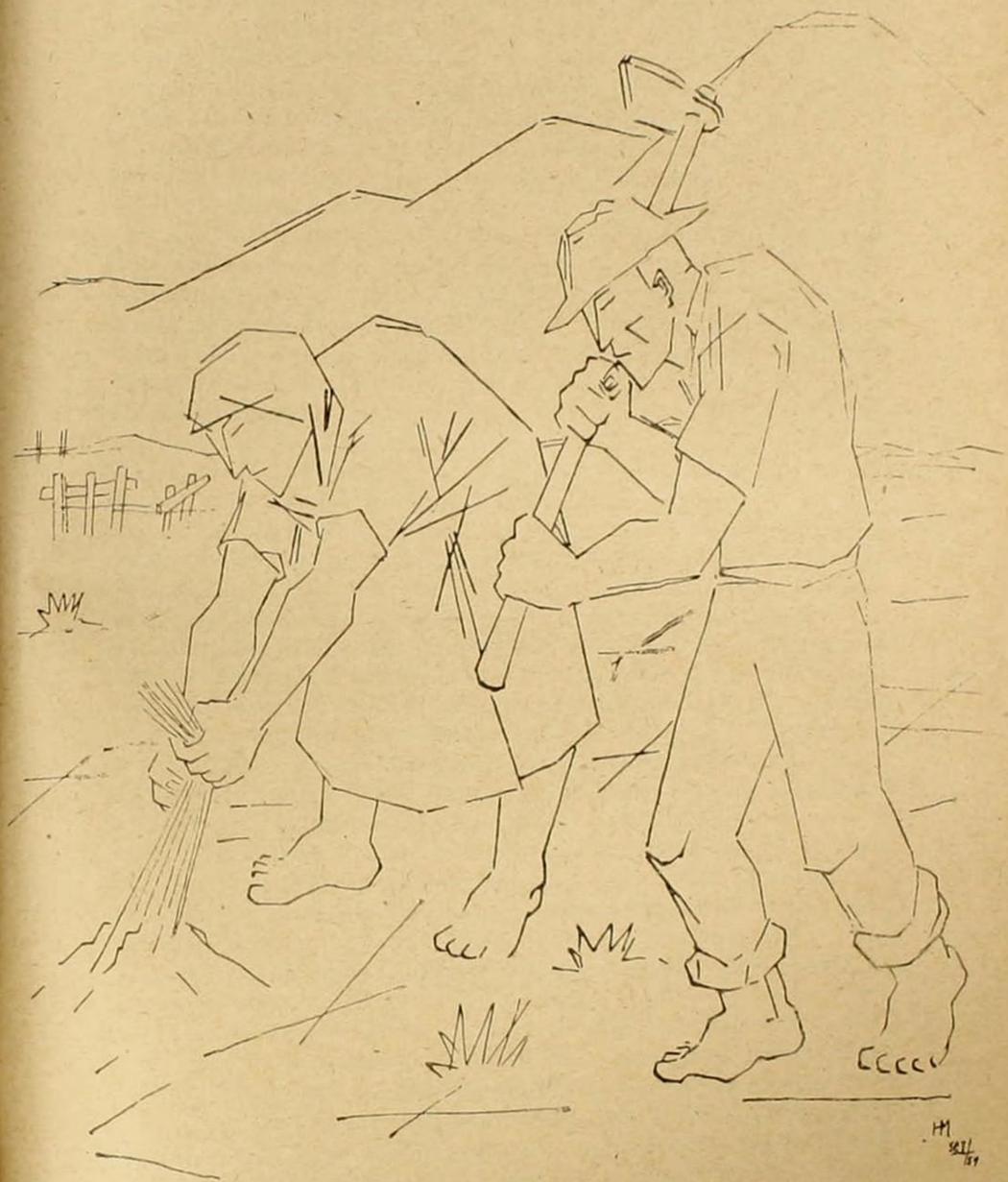
São pouco com êste inverno. Nada me alegra ao saber que sou no fundo motivo injusto da infelicidade de Ana. Mandaram-na à casa duma tia distante, disse-me a criada de dentro, por quem tudo soube, que voltará assim que me vá. Todavia o que me choca, mais que a injustiça, é saber que o avô me vê junto de Ana como um rival sem escrúpulos. A propósito: tinha lágrimas sentidas e coléricas ao me chamar.

Na sua idade esta paixão oculta me parece absurda, tem um ar debochado. Poderia ser sua nota. Quem sabe se a criada que me põe ao corrente do que passa não me está a mentir. Ao que se refere à velha tudo é possível, mas esta paixão algo platónica, senil... Todavia não tens provas para afirmar o contrário, pois não? É: é uma verdade.

Ana deve estar sobre as vagas delirada. As caçaroias fervem ao lume, seus dedos estão vermelhos de frielras e penso vê-la a unhe-cê-lha com água bençada pela "Santo". O mais estranho é este meu sentimento misterioso de douçura que me toma ao pensar nela, no seu modo de dizer certas palavras, de olhar.

Seria?... Oh, não minha querida, Ana!

(Rio)



TERRA — Composição de Hugo Mund Jr.

HM  
811  
51

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### GALEÃO COUTINHO

Num desastre aviatório, ocorrido no mês de setembro último em Santos, pereceu o escritor paulista, Galeão Coutinho. O desaparecimento de homem de letras é sempre uma grande perda para nós já que são poucos os bons artistas da pena existentes no Brasil.

Galeão Coutinho não era tido, pela crítica, como escritor de primeira grandeza, mas reconheciam-se nêlo excelentes qualidades, capazes de fazê-lo, com o tempo, projetar-se no cenário nacional. Seus escritos se caracterizavam pelo espírito humorista com que eram redigidos e por um estilo próprio, todo seu, que denunciava uma pena combativa, e inflexível, tornando-o popular entre os leitores. Sua obra literária ainda não foi bem julgada, mas se sabe que a arte crescia em sua veia de escritor. Publicou alguns romances, todos êles de circulação restrita, pois, com os precários meios de divulgação que dispomos, não lhe foi possível penetrar a fundo em tôda a parte. Se não se fêz mais conhecido, foi apenas por falta de oportunidade.

Costumava escrever seus livros nas horas vagas, muitas vezes de noite, depois de um dia cheio de ocupações. Talvez esteja nisso um dos seus maiores méritos. Geralmente, uma inteligência, quando cansada do trabalho, pouco de humorístico pode produzir. Mas Galeão Coutinho parecia diferente. Era sempre o mesmo, onde estivesse, com êle estavam as suas risadas gostosas, tão bem conhecidas dos seus amigos. Dirigia o Jornal de Notícias de São Paulo, cargo que ocupava mais por vocação do que propriamente por meio de vida. Fazia da profissão um verdadeiro sacerdócio e não se cansava de repetir que para ser um bom jornalista, precisava antes de tudo, renunciar ao mundo e a si próprio. Em São Paulo era popular, suas crônicas eram lidas e comentadas nas mais diversas rodas. E como todos os jornalistas sinceros, tinha inimigos, mas tinha muito mais amigos. E entre os inimigos, não faltavam aqueles que admiravam e reconheciam de público o seu talento e a inflexibilidade de sua pena.

Galeão Coutinho está sendo apontado, hoje, pela imprensa paulista, como um dos raros exemplos de dignidade e de vocação a seguir. O IV Congresso Brasileiro de Escritores, que se reuniu em Porto Alegre de 25 a 30 de setembro, prestou-lhe significativas homenagens, reconhecendo nêlo um dos idealizadores do conclave e um dos mais intransigentes batalhadores pela causa do intelectual no Brasil. Sabia Galeão Coutinho que sem a união e o conagraçamento dos escritores, o país sofreria as causas da sua própria ignorância. Porisso, uma das suas maiores preocupações, frente aos intelectuais de São Paulo, sempre foi a de fazer com que a ABDE fôsse realmente uma casa que abrigasse sob o seu têtô tôdas as inteligências que andara esparsas pela Pátria. Mas morreu na hora em que o Brasil mais precisava dêle. Agora, como último serviço do seu talento, só nos resta aproveitar a lição de bravura e de coragem que êle nos deixou.

Rio do Sul, (SC), 29-10-1951.

Italino Peruffo

## S. P. T.

"O Teatro não pode e não deve ser um prazer exclusivo dos privilegiados de fortuna e sim um meio de recreação sadia e instrução para todos, indiscriminadamente". São palavras de Madalena Nicol lançando as bases da Sociedade Paulista de Teatro, associação cultural sem fins lucrativos, que tem por finalidade principal encenar o que existe de melhor no repertório do Teatro Internacional a preço de cinema.

A "finalidade principal" já foi iniciada pela S. P. T. com estrondoso sucesso. São Paulo e cidades vizinhas assistiram com as salas de espetáculos abarrotadas por gente do povo (que não vai ao teatro só por esnobismo) ao preço de dez cruzeiros a entrada, "Arlequim, servidor de dois amos" de Goldoni (direção de Ruggero Jacobbi), "Os inimigos não mandam flores" de Pedro Block (direção de Armando Couto), "A tia de Carlitos" de Brandon Thomas (direção de Armando Couto) e "O atentado" de W. O. Samin (direção de Carla Civelli). Quando estas notas estiverem publicadas, possivelmente a S. P. T. tenha já proporcionado ao público mais um espetáculo: "O tenor desafinou" de George Feydeau.

Vários elencos subdividem a nova Associação: Companhia de Teatro Classico, Companhia de Teatro Cômico, Companhia de Teatro Infantil e uma Companhia de Teatro Experimental, que pretendem, assim que for possível, trabalhar concomitantemente.

Aplausos, muitos aplausos à Sociedade Paulista de Teatro que vem reconciliar as massas populares — ávidas por diversões — com a ribalta, que não só recreia o espírito mas também instrue. "O teatro transforma a população em povo" disse Vitor Hugo.

Até parece mentira: teatro a preço de cinema...

Estude-se o fenómeno, siga-se o exemplo.

Ruy Brand Correia

## OBRAS E NOMES DA NOVA GERAÇÃO PORTUGUESA

### Caminheiros e outros contos

de José Cardoso Pires

O neo-realismo literário português, nas condições actuais, não pode manifestar ainda as suas amplas possibilidades como escola organizada. De facto, além da imortal obra de Pereira Gomes "Esteiros" e dos escassos livros de Alves Redol, Virgílio Ferreira, Manuel do Nascimento, e poucos mais, a nossa literatura neo-realista nada apresenta de notável, como sucederia se o processo do seu amadure-

cimento encontrasse um caminho livre, se os seus escritores não esbarrarem amiudadamente com dificuldades, realizando verdadeiras acobracias para suprirem as limitações do condicionalismo actual.

Ao neo-realismo português não faltam escritores valorosos, conscientes da sua missão social e das necessidades literárias derivadas do progresso da humanidade em todos os sectores da Arte. O neo-realismo português precisa apenas de condições sociais sem as limitações resultantes das exigências dos editores ou das convenções actuais. Em suma, o neo-realismo português não precisa senão de ar, para os seus escritores movimentarem à vontade o seu pensamento, sem coações ou ameaças, exprimindo as justas aspirações populares, o seu sentir e o seu viver.

Mas, apesar de tudo, o neo-realismo do nosso país já mostrou a sua capacidade de elevar a nossa literatura a um posto jamais atingido na literatura mundial. Assim, o número crescente de obras literárias neo-realistas traduzidas no estrangeiro, não só desmentiu as criticas difamantes dos intelectuais de casaca e monóculo, como também definiu o valor da nossa mais verdadeira literatura.

Também José Cardoso Pires — um combatente das fileiras neo-realistas — dissipou as ilusões dos críticos mistificadores sobre a falência do neo-realismo, com a publicação de "Caminheiros e outros contos". Como conseguiu Cardoso Pires, um simples estrepante, um êxito tão excepcional?

Através de diálogos extraordinariamente vivos, Cardoso Pires desnuda a realidade de uma maneira especial e consegue colocar os leitores diante dos acontecimentos e "ouvindo" a voz dos seus personagens. Este processo neo-realista, inteiramente inédito na nossa literatura, tão difícil quanto valoroso, cria nas pessoas simples dos seus contos um irresistível poder comunicativo, tão humano como poético.

Rompendo com as formas habituais e consagradas de narração, criando uma nova maneira de mostrar a realidade tout court, robustecendo o sentido dos factos e das pessoas convencionadas de simples e banais, Cardoso Pires marcou a letras de oiro uma nova e brilhante etape na literatura nacional e no neo-realismo português.

Olhão, Algarve, Portugal

Vitoriano Rosa

## V SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS

A Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa realizou de 3 a 16 de outubro de 1950 o V Salão de Artes Plásticas, no Auditório do "Correio do Povo", reunindo 132 trabalhos de 40 jovens artistas, após um júri prévio de seleção.

Foram os seguintes os prêmios outorgados pelo júri integrado pelos Srs. José Rasgado Filho, Álvaro Pereira, Clóvis Assunção, Cristina Balbão, representando o I. B. A.; Demétrio Ribeiro, eleito representante dos expositores; Osvaldo Goidanich e Guido Mondim, secretário e presidente da Associação respectivamente: Medalha de ouro, pelo conjunto de sua representação nas secções de Pintura, Desenho, Gravura e Arte Gráfica; Edgar Koetz. PINTURA: medalha de prata: Carlos Alberto Petrucci. Medalhas de bronze: Plínio Bernhardt e Vítorio Gheno. Menções honrosas: João Faria Viana, José de Francesco, Gastão Hofsteter e Leonor Botteri Genehr. ESCULTURA: Medalha de prata: Vasco Prado. DESENHO: Medalha de prata: Danúbio Villamil Gonçalves. Medalhas de bronze: Dorotéia Pinto da Silva, Glauco Rodrigues. Menções honrosas: Carlos Antônio Mancuso, João Genehr e Maria Prestefelippe. GRAVURA: Medalha de prata: Glénio Bianchetti. Medalha de bronze: João Faria Viana. Menções honrosas: Clara Conti, Clauco Rodrigues. ARQUITETURA: Medalha de Prata: Edgar Graeff. ARTES GRÁFICAS: Medalha de Prata: Carlos Sellar. CERÂMICA: Medalha de Prata: Luiza Prado, Medalha de Bronze: Wilbur Olmedo. De acôrdo com a ata que registrou esta decisão, ainda não haviam sido considerados os trabalhos inscritos "fora de concurso", ou assim situados em virtude de decorrência regulamentar. (da revista "Horizonte", Pôrto Alegre).

### EXPOSIÇÃO DO PINTOR MARTINHO DE HARO

Há muitos anos que Martinho de Haro não expõe — nem entre nós, nem fora. Vem trabalhando silenciosa, constantemente. Sempre procura saber o que se passa no terreno das artes e em especial da pintura. Para isto assina revistas, compra livros, estuda. E, sempre tentando, nunca satisfeito, como deve acontecer com todo verdadeiro artista, ora consegue soluções felizes, ora se perde, mas nunca pára, sempre continúa adiante.

Temos, sempre que falamos com êle, insistido para que exponha, mostrando o que faz e que continúa sendo talvez o único artista de valor incontestável entre nós. Modesto, sem preocupação de glória ou de cartaz, Martinho acha que sempre "é cedo, tem tempo". E continúa a trabalhar. Tendo estudado com grandes mestres, como por exemplo Othon Fricke durante a temporada que esteve em Paris ganhando o prêmio de Salão, sabe que o mais importante para um artista não é expor. Mas saber expor. E quando deve expor.

Agora tem a promessa de que bem logo neste ano de 1952 Martinho de Haro irá nos apresentar seus trabalhos. Logo depois rumará para o Rio e possivelmente Pôrto Alegre donde tem recebido insistentes convites. E lá fora, apresentando seus trabalhos feitos sempre com um sentido de pesquisa, num espírito construtivo, temos certeza de que verá seu valor reconhecido, confirmado.

Aguardemos esta exposição que será por sem dúvida uma das amostras mais importantes no terreno das artes plásticas em Santa Catarina.

#### ESCRITORA LEDA BARRETO

Esteve durante alguns dias entre nós a escritora Leda Barreto, redatora da conhecida "Revista Branca", uma das nossas mais sérias conceituadas revistas literárias do país. Leda Barreto que aqui esteve em visita a pessoas de sua família, tendo seguido para Laguna onde deverá passar uns tempos, tem colaborado ativamente em "Revista Branca" e durante a longa palestra que conosco manteve, tivemos oportunidade de travar conhecimento com uma inteligência viva, que está ao par de todos os movimentos culturais e que bem compreende e analisa as coisas. Falando depois da dificuldade nossa em tirar "SUL" ela nos disse que também no Rio "Revista Branca" luta com inúmeras dificuldades e se bem o meio seja muito maior, ainda não há no Brasil uma compreensão e um auxílio, como deveria existir, para as iniciativas culturais. Sobre "SUL", em entrevista concedida à página "Gazeta das Artes" do jornal "A Gazeta" assim se manifestou Leda Barreto:

"Esta publicação, uma das melhores no gênero, entre as que saem em todo o país, representa um triunfo admirável da jovem literatura nacional".

#### DIA DOS GRÁFICOS

Dia sete de fevereiro comemorou-se com grandes festividades o Dia dos Gráficos.

Durante a realização da SOIRÉE realizada no salão do "Democrata Clube", gentilmente cedido por sua Diretoria, foi escolhida Rainha dos Gráficos a gentil senhorita Dulcemar Cardoso.

As 10 horas iniciaram-se os festejos com uma sessão cinematográfica realizada na sede da União Operária. As 20 horas, também na União Operária, houve uma sessão solene dedicada à imprensa catarinense.

Por meio desta nota nos associamos às homenagens prestadas aos gráficos no seu dia de festa. Ninguém desconhece a importância da imprensa, o seu papel na educação dos povos e no esclarecimento das inteligências; pode-se assim, desde logo, aquilatar o valor desses bravos operários que, dia a dia, sem esmorecimento, possibilitam a saída de páginas e páginas de papel impresso.

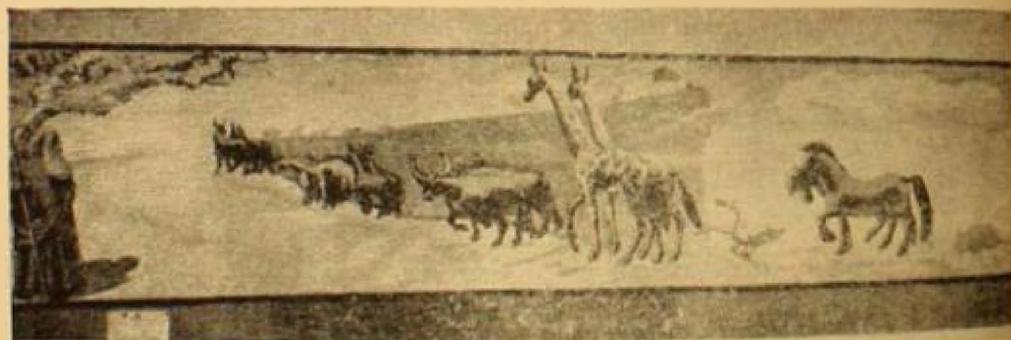
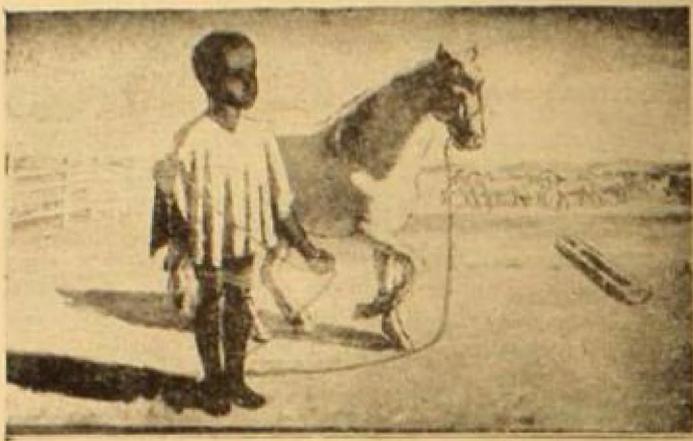
Os nossos votos para os gráficos de Florianópolis, e de todo o Brasil, são no sentido de que para o futuro sua importância seja reconhecida na prática, através de salários mais justos.

## SOLIDÃO E AMARGURA

João Krüger

Acho que anda beirando meia-noite. Estou sózinho em minha casa e a sala onde escrevo está atulhada de música e fumaça de cigarro, porque tenho o rádio ligado e estou fumando. Mas isto de haver música na sala onde escrevo a horas tão avançadas não significa que estou alegre. Muito pelo contrário: a solidão pesa sobre mim como ninguém imagina e tenho o coração prenhe de amargura. Os vizinhos não de dizer que sou um homem desamoroso, insensível. Se fizerem assim, estão equivocados. Tem momentos que sinto vontade de pôr-me a chorar. Se não o faço é porque sei que não tem valia, nada remediará. Que adiantará a um doente se o mesmo ao invés de ingerir remédios pegar de chorar? Respondam? Não. Comigo é diferente. Sou moço ainda, mas já fui muito batido pela vida. Sei por experiência que silêncio e recolhimento não dão lenitivo a uma grande amargura. Sei disso e por essa razão tenho a sala onde escrevo cheia de música e fumaça de cigarro. Música alegria a alma da gente e fumaça de cigarro afugenta pensamentos lugubres e também aclara o raciocínio, ajudando, a inspiração. Música, fumaça de cigarro e voz feminina sempre ajudam na feitura de meus escritos: devo muito às três. Tanto é que desde uns três meses não tenho escrito coisa de valia. Acontece que está faltando a voz feminina. Digo isto por dizer. Não é preciso. Basta contar que mesmo à minha frente, sobre a mesa, está um vaso com flores secas, pobres flores, colhidas há já nem sei quantos dias. Basta dizer da poeira acumulada em cima dos móveis. Dói para gente, contemplar tudo isso. Mas é preciso curvar-se à vontade de Deus. A dona da voz feminina está distante, padecendo dores e talvez não angustiada quanto eu. E enquanto ela não retornar, cada noite, mais opressiva se faz sobre mim a solidão. E cada noite faço sempre como nesta: encho a sala de música e fumaça de cigarro e me ponho a escrever. Isso ajuda um pouco. Podem me chamar de insensível, desamoroso. Não tem importância. Meu sofrimento é só meu. Não me será de nenhuma valença demonstrá-lo aos outros. Agora vou parar de fumar. Vou desligar o rádio e vou à cozinha. Tenho lá uma caneca de leite. Depois de tomá-lo irei dormir. Fago fé de levantar às cinco.

Quero mandar amanhã mesmo este escrito à revista. As gentes da redação irão achá-lo ruim, que eu sei. Entretanto, isso pouco me importa, o que as gentes de redação carecem de saber é que um homem que tem amargura na alma quando pega da pena escreve o que pensa e sente, sem ligar à gramática nem nada. Ninguém sente nem pensa por gramática



Martinho de Haró — do "Mural" feito há tempos para o Centro de Psicicultura  
de Florianópolis,  
(Ver nota à pág. 54)

**REPORTAGEM**

**SOBRE O**

**IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES**

realizado em Pôrto Alegre (R. G. S.)

(25 — 30. Setembro, 1951.)

Contendo ainda a integra do discurso de encerramento, por  
Graciliano Ramos; a Declaração de Princípios e Resoluções;  
e depoimentos de delegados de diversos Estados.

por Eglê Malheiros

(da Delegação de Santa Catarina)

— SUL. —

Fpolis. — 1952

— 55 —

## O IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

Quão belas eram as luzes da cidade que nos apareceram por três vezes antes do avião descer! Era Porto Alegre que nos saudava na noite escura, a mostrar que, por mais negra que seja a noite, há nela uma luz pronta a surgir.

A cidade por certo não tinha a fisionomia diária, deixara de ser a capital do Rio Grande do Sul para tornar-se a capital da literatura brasileira. No aeroporto estava Fernando Guedes a esperar a delegação catarinense que, vinda de um estado vizinho, tanto custara a chegar. Mal tivemos tempo de nos considerarmos em terra, urgia comparecermos ao teatro S. Pedro para tomarmos parte na sessão solene de abertura do Congresso.

No teatro cheio, o povo gaúcho vinha saudar os escritores que de todos os pontos do território se reuniam na capital sulina para, de 25 a 30 de setembro, discutirem e tomarem posição em defesa da cultura e da paz. Homens e mulheres de todas as idades, todos os credos, de todas as correntes estéticas, desde nomes mundialmente consagrados até os que, como nós, ainda eram escritores municipais. Para o observador a maior disparidade, para o que fôsse ao fundo das coisas a maior similitude. E era por essa similitude que estavam sendo saudados pelo povo. Nenhum deles acreditava em torres de marfim, nenhum deles desprezava a nossa cultura nem queria impor "orsat" cosmopolita, todos amavam a paz e achavam que ela deve ser defendida a qualquer preço. E era em função dessas atitudes que todos éramos companheiros de uma mesma luta.

Na Presidência do Congresso, Graciliano Ramos demonstrava que, embora alguns nomes de destaque tenham primado pela oposição ao Congresso, as figuras mais representativas e dignas de nossas letras ainda, e sempre, colocarão os interesses da pátria e da cultura acima das mesquinhas comodidades particulares. Laura Austregéilo, incansável nos trabalhos preparatórios, na mesa diretora, prosseguia seu trabalho abnegado de Secretária do Congresso.

Iniciada a sessão solene foi composta a mesa aonde figuraram representantes das autoridades, membros de todas as delegações estaduais, parlamentares, e até um membro da nobreza, o Barão de Itararé. Ao lado de Graciliano estava a figura frágil de Lila Ripoll, presidente da secção gaúcha da ABDE, cuja energia e desvelo tornou possível a realização do Congresso em Porto Alegre.

Numa homenagem comovente deixou-se vaga a cadeira de Galvão Coutinho. Seu retrato encimava a mesa, como a transmitir a todos nós uma parcela de sua energia de lutador em prol da democracia e da Paz.

Em nome da secção sul riograndense falou Lila Ripoll dando as

boas vindas aos congressistas, que eram hóspedes da Prefeitura de Porto Alegre. Falaram depois vários oradores tendo a maioria se referido com saudade e admiração a Galeão Coutinho. Quando o Barão de Itararé usou da palavra recebeu uma salva de palmas demorada e entusiástica. Foram lidas várias mensagens, tanto de escritores nacionais como estrangeiros e de várias autoridades. O congresso era saudado por argentinos, norte americanos, uruguaios, soviéticos, holandeses, franceses, enfim de dezenas de países chegavam mensagens em que se demonstrava que no mundo inteiro os homens de letras têm um ideal comum: a defesa da paz e da cultura.

As sessões ordinárias do Congresso se realizaram no salão nobre do IAPI, sempre assistidas por público numeroso. Decorreram na melhor harmonia e compreensão, num clima elevado, tendo sido discutidas muitas teses de grande valor. Em todos notava-se a vontade construtiva de acertar, de fazer alguma coisa de proveitosa, tanto em defesa dos interesses do escritor como do povo brasileiro. As sessões foram filmadas por Salomão Scliar da Horizonte Filmes e as discussões mais importantes foram taquigrafadas. As comissões trabalharam incansavelmente, afim de que todos os trabalhos fossem examinados durante o Congresso.

Dia 30 pela manhã os congressistas foram homenageados com um churrasco em Vila Cecília. Foi uma festa de confraternização, aonde num ambiente de camaradagem comemos um ótimo churrasco e descansamos dos trabalhos do Congresso. Houve música, dança e canto. Um adolescente travou um desafio com o poeta Heitor Saldanha e depois de muito cantar alegre e espirituoso não se chegou à conclusão de qual safra vencedor. Os artistas de rádio gaúchos lá estiveram, prestando assim uma homenagem aos escritores brasileiros, entre eles se destacava o Compositor Lupicínio Rodrigues.

À tarde de 30 realizou-se a sessão para a discussão e votação da Declaração de Princípios e Resoluções. A Declaração apresentada por parte da delegação pernambucana e apoiada por alguns delegados do Ceará e Minas foi defendida pelo congressista pernambucano Andrade Lima Filho. A Declaração de Princípios vencedora foi defendida pelo escritor Dalcídio Jurandir. Poucas vezes teremos ocasião de ouvir uma defesa brilhante como a de Dalcídio. Exposição clara, elevação de expressões, firmeza de princípios, sinceridade, enfim, um escritor do povo explicando porque todos os escritores devem se colocar ao lado do povo, em defesa da cultura e soberania nacional, em defesa da paz, demonstrando mais ainda, provando que esta atitude não é e nem deve ser apanágio desta ou daquela corrente filosófica, política ou religiosa, mas sim comum a todo brasileiro digno deste nome.

A sala inteira estava presa à palavra de Dalcídio, quando ele

acabou os aplausos retumbarain, e, embora possa parecer piegas, dito assim neste pedaço de papel, mas na verdade muita gente tinha os olhos marejados de lágrimas.

Feita a votação a Declaração de Princípios da delegação pernambucana teve 25 votos e a vencedora mais de 150 votos. O Congresso cumpriu a sua missão, podia olhar de frente para o povo brasileiro, nós escritores estávamos de público, ao lado das forças da democracia e da paz.

É preciso notar que durante a discussão remou a maior harmonia, e os signatários da declaração vencida fora nos primeiros a declarar que a unidade da ABDE não estava prejudicada pela discussão, e que, acabada a mesma, continuariam a ser companheiros de uma mesma luta em defesa dos interesses do escritor e da cultura.

A noite realizou-se a sessão solene de encerramento do Congresso. A mesma multidão, a mesma alegria e confiança. Ouvimos belos números de música, poemas, a despedida que nos foi feita pela secção gucha da ABDE, Bernardo Elis saudou os congressistas em nome de Goiás onde, em 1953 deverá realizar-se o próximo Congresso. E recebemos mensagens que não só aos congressistas, mas a todo o povo do teatro fizeram vibrar de entusiasmo: dos escritores chineses (quando, há alguns anos, podia-se pensar em ver um congresso nosso saudado por escritores chineses?), de Pablo Neruda, que no exílio continua a ser o cantor da América livre, de Nazim Hikmet, saído do cárcere graças à luta que por sua liberdade se empreendeu em todo o mundo, de Jorge Amado, impedido de voltar ao Brasil mas que lá longe acompanha e incentiva a luta dos intelectuais que se batem pela cultura e pela paz. Essas mensagens foram saudadas de pé pela assistência.

Falou um delegado do Ceará saudando o Congresso em nome das delegações do interior, Stênio Lopes, ressaltando uma vez mais o clima de cordialidade, democracia e união em que transcorreu todo o Congresso.

Quando foram lidos os nomes dos componentes do Conselho Nacional, Graciliano Ramos recebeu aplausos de vários minutos, tendo a assistência se colocado de pé para homenageá-lo.

Em seguida falou Graciliano Ramos, cujas palavras traduziram bem o que foi o IV Congresso Brasileiro de Escritores, um pósto avançado em defesa da cultura e da paz.

Terminara o Congresso, mas a luta continua. O que se disse durante aqueles dias, as resoluções tomadas, não foram, nem podem ser, palavras decorativas. Agora, acabado o Congresso é que devemos provar de sua eficácia, e melhor prova não há do que a ação decidida de todos os escritores, que não são escribas assalariados, em defesa da paz, da cultura e da soberania nacional. E, sirva nos de exemplo, essa não é uma atitude nova entre os escritores brasi-

leiros, já Silvio Romero (patrono do IV Congresso) dizia: "... Não importa isso uma aprovação a certo absentismo do gosto dos ânimos fracos, que entendem de salvar a própria pureza fugindo sistematicamente das tentações. É proceder que nunca aplaudiremos. A virtude prova-se no meio da luta. A sociedade não é um convento de monjas. Que grande mérito advém em não cobrir-se de pó a quem não saca à liça do combate e deixa-se tranquilamente ficar em doce e sosegado aposento? Devemos, homens de letras ou não, interessar-nos pelas pugnas e pelas dores da pátria. É mais ainda: "... O meio de evitar estes desacertos dissonos e comprometedores é, repetimos, generalizar: ver o povo, onde ordinariamente se costuma enxergar o indivíduo; tomar a evolução das letras e das artes como alguma coisa de impessoal, de superior às "coterries" de momento, uma como espécie de expoente da vida nacional, uma função da capacidade espiritual da raça. Olhada desta altura a região das ciências, letras e artes, não deixa ela ver os rancorosos conflitos do egoísmo, a pequenez dos temperamentos, o lado passageiro das paixões, para só descortinar aos olhos do observador os grandes, os nobres esforços da alma do povo, para a luz, para a glória, para o belo, para os deslumbramentos do povo!" (Silvio Romero in "Machado de Assis").

Depois disto nada mais é preciso dizer.

#### N O T A

O Conselho Nacional da ABDE ficou assim constituído: Graciliano Ramos, Neves Manta, Anibal Machado, Barbosa Lima Sobrinho e Orígenes Lessa.

Transcrevemos na íntegra o discurso de Graciliano Ramos, a Declaração de Princípios e as Resoluções, bem como depoimentos de diversos intelectuais a nós fornecidos.

## DISCURSO DO ROMANCISTA GRACILIANO RAMOS

(No encerramento do IV Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela ABDE, em Porto Alegre, de 25 a 30 de setembro, o romancista Graciliano Ramos, presidente da ABDE pronunciou o seguinte discurso que transcrevemos na íntegra):

Sr. Representante do governador do Estado

Senhores e senhoras

Companheiros da Associação Brasileira de Escritores

Começo por agradecer a hospitalidade que nos ofereceram em Porto Alegre. Isto é lugar comum, os habitantes desta cidade podem julgar que recebi a tarefa de expor aqui salamaques e cortesias. Não é verdade; estamos realmente agradecidos. Não esperávamos tanto, acomodar-nos-íamos de qualquer modo — e o que o Rio Grande do Sul nos deu foi excessivo e nos sensibiliza.

Adiante. O IV Congresso de Escritores se sentiu honrado e fortalecido com o apôio do povo. Sem isso nada teríamos a fazer. Não nos reunimos para lá de portas fechadas; as portas durante uma semana estiveram abertas — e pedimos que tôda a gente viesse trabalhar conosco. Não somos vaidosos; aceitamos com humildade a colaboração do homem da rua.

Cavalheiros sabidos andaram a afirmar seguros em jornais ricos, que somos uns pobres diabos, mais ou menos analfabetos. Paciência. Não nos zangamos. Quando, no correr do tempo esses grandes, essas enormes suficiências perceberem que não temos propósitos subversivos, descerão um pouco, chegarão até nós — e nos ensinarão qualquer coisa. Não somos vaidosos, repito.

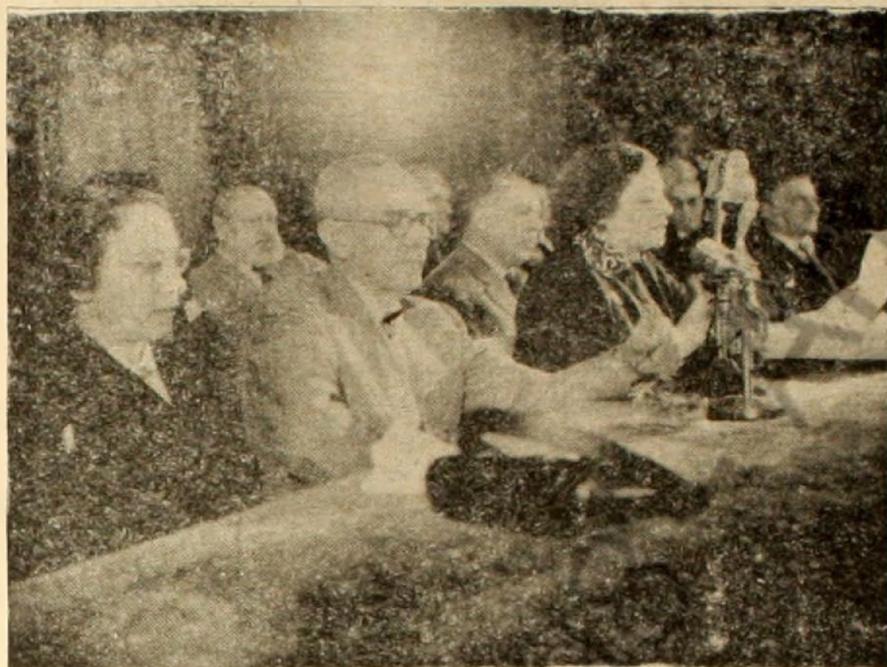
Ninguém teve o intuito de jogar bombas em Porto Alegre. De sejariamos fixar a alegria que esse nome nos apresenta. Não estamos a serviço de nenhuma potência estrangeira. Nunca diríamos ao gringo: "Entre, tome conta disto. A casa é sua".

Não, meus amigos. A casa, pobre, é nossa. E denunciaremos os traidores que desejam vendê-la.

Enfim, pequeninas calúnias, pequeninas infâmias, não nos atingem. O Congresso, bem ou mal, deu conta do recado; provou ser possível conseguirmos entendimentos para objetivos comuns. Escritores de várias tendências aqui se encontram — e apesar de todo o vento espalhado lá fora, não houve barulho, graças a Deus. Estamos de acordo.

Encontros como êstes são indispensáveis, parece-me. Divergências, pontos obscuros, equívocos, tudo enfim, desaparece. Tudo se explica. E saímos com uma fortaleza que não tínhamos quando chegamos. Amanhã não nos separaremos; em Belem, no Rio, em S. Paulo, em Porto Alegre, continuaremos a trabalhar juntos.

Aguardem-nos por sermos políticos. Bela novidade. Claro que somos políticos. Quiseram afastar-nos. Norte contra sul; materialistas contra idealistas; o realismo e o romantismo de mangas arregaçadas, coléricos. Atiçam-nos uns contra os outros. Para tal fim utili-



Mesa do Congresso, vendo-se Lila Ripoll, G. Ramos e Laura Austregestlo; ao fundo o Barão de Itararé

zam-se diversos disparates. Termino nascido por acaso no nordeste não é razão para atacar-mos o pámoa e a planície amazônica.

Não faremos isso. Nesta semana mostramos que não faremos isso. Política? Perfeitamente. Nem só os idiotas e os malandros devem ocupar-se dela. Resolveremos as nossas questões em família? Perfeitamente. É uma vergonha ouvirmos o que eu ouvi de um estrangeiro, há pouco tempo, dum banquete: "Façam isto. Façam aquilo." Não. Faremos o que acharmos razoável fazer. Seremos inimigos deste homem que nos vem das ordens, em língua sstranha? De nenhum modo. Apenas desejamos que ele não nos dê ordens. Já não somos crianças. Queremos viver em paz com tôdas as criaturas.

Necessitamos novas reuniões. Falar, discutir, brigar às vezes. Ótimo. Sairemos dessa luta fortalecidos. Lá fora defenderemos os nossos interesses e a cultura exígua de que somos capazes. Surgirão descontentamentos, é claro; sempre haverá quem diga de nós co-bras e lagartos. Que fazer? Estamos habituados, essas ofensas não nos perturbarão.

Adeus, amigos. Estou especialmente agradecido a senhora Lila Ripoll, admirável mulher franzina que realizou sózinha o trabalho de vinte homens fortes.

## IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

### Declaração de Princípios e Resoluções

Aprovada pela maioria absoluta dos delegados presentes ao IV Congresso Brasileiro de Escritores:

"Os escritores brasileiros, reunidos em IV Congresso na cidade de Porto Alegre, fieis ao espírito dos Congressos anteriores, sem distinções políticas, religiosas ou filosóficas, consideram, nesta hora particularmente grave para a humanidade, que é necessário lutar unidos em defesa dos interesses de sua profissão e do efetivo desenvolvimento da cultura nacional.

Todos os valores e conquistas do espírito se acham ameaçados pelo perigo iminente de uma nova guerra. Agravam-se as condições de vida do escritor, como reflexo das condições de vida em nosso país, ao mesmo tempo que aumentam os atos de arbítrio e de violência contra as liberdades fundamentais do cidadão. A preparação guerreira é um obstáculo à atividade cultural, pois favorece a imposição de leis de excessão que ferem a livre expressão do pensamento, agravando também a situação econômica do país.

Nosso povo não quer a guerra, opõe-se a uma nova carnificina. Refletindo o sentimento nacional, os escritores brasileiros proclamam sua decisão de tudo fazer contra o desencadeamento de uma nova guerra e em favor de um acôrdo de paz entre as cinco grandes potências.

Os escritores brasileiros consideram que devem lutar contra os atentados ao pensamento e à liberdade de criação literária. Compreendem também que é necessário uma participação maior do escritor na salvaguarda da independência nacional e no repúdio a tôdas as formas de interferência estrangeira nos negócios internos do Brasil. Os imensos recursos e as forças criadoras de nosso país podem e devem ser utilizados para fins pacíficos, em benefício de tôda coletividade e do levantamento do nível de vida e da cultura do povo.

Entendem os escritores brasileiros que a ABDE deve assumir maiores deveres e responsabilidades na defesa de soluções práticas dos problemas do escritor da cultura em nossa pátria, assegurando dêsse modo condições dignas para o exercício da atividade cultural.

Congregados em torno dêstes objetivos, os participantes do IV Congresso fazem um solene apêlo no sentido de que os escritores de todo o país se unam na defesa de seus interesses, pelo desenvolvimento de nossa cultura, pelo bem estar e o progresso de nosso povo e pela paz mundial.

## RESOLUÇÕES

Após um amplo debate sobre o temário, resolve o IV Congresso Brasileiro de escritores adotar as seguintes resoluções, que devem servir de base ao programa de ação do Conselho Nacional da A. B. D. E.:

- 1 — Elaborar o Código de Proteção ao Trabalhador Intelectual.
- 2 — Preservar o livro nacional contra a concorrência estrangeira que se revestir de forma de "dumping" e lutar pela ampliação do mercado interno e por medidas que assegurem o barateamento do custo da produção do livro.
- 3 — Reclamar maiores dotações orçamentárias destinadas a fins pacíficos e culturais e a fomentar a instrução pública, bem como a instituição de prêmios que sirvam de estímulo à criação literária e artística, sob o patrocínio ou com a colaboração da ABDE.
- 4 — Favorecer a criação de uma literatura infanto-juvenil que fortaleça os sentimentos de amor à pátria e fraternidade com todos os povos e raças, e combater a influência nefasta das historietas em quadrinhos de procedência estrangeira.
- 5 — Protestar contra a aplicação da chamada "lei de segurança" e todas as medidas que cerceiem a liberdade de pensamento; contra as apreensões de livros e a proibição do acesso às fontes de pesquisa literária, e contra a censura prévia: tomar posição contra qualquer condenação por "delito de idéias";
- 6 — Defender o livre e pleno intercâmbio científico e cultural com todas as nações.
- 7 — Preconizar um entendimento entre as grandes potências, através de um pacto de paz entre os Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Inglaterra e França, pacto aberto a todos os países, não significando esta atitude apoio a tal ou qual governo, mas simples condenação à guerra e meio para criação de um clima pacífico indispensável ao desenvolvimento da cultura; propugnar pela solução pacífica do conflito coreano, que ameaça ser o foco de uma nova guerra mundial; condenar todas as formas de propaganda de guerra e de ódio às nações.
- 8 — Defender de acordo com as melhores tradições patrióticas, a soberania nacional e o direito de nosso povo a uma vida independente, condição básica para que exista uma literatura emanada das fontes vivas do sentimento popular.
- 9 — Tornar a A. B. D. E., através de seu Conselho Nacional, uma organização mais viva e atuante em defesa dos interesses dos escritores, para isso incrementando o intercâmbio entre as diversas seções e organizando os departamentos de difusão, de pesquisas e de assistência médica e jurídica.

Pôrto Alegre, 30 de setembro de 1951

## **DEPOIMENTOS DISTRITO FEDERAL**

O Congresso se desenvolveu em boa harmonia, como era de esperar da inteligência brasileira. O resultado foi que de Porto Algere a A. B. D. E. sai mais forte e mais coesa, como a grande organização cultural e patriótica dos escritores brasileiros.

Porto Alegre, 30 de setembro de 1951.

**Edison Carneiro**

O IV Congresso Brasileiro de Escritores na cidade chuvosa as vezes, com sol e frio outras vezes, foi bom, porque reví velhos amigos, fiz novos amigos, aceitamos defender a cultura e a paz dos povos, para que o amanhã que esperamos seja bom "como o mel de Jati" na linguagem do poeta.

Porto Alegre, domingo, 30 de setembro de 1951.

**Solano Trindade**

O IV Congresso Brasileiro de Escritores significa um dos mais impressionantes acontecimentos da vida cultural brasileira.

Porto Alegre, 30-9-51.

**Maura de Sena Pereira**

O espírito de cordialidade e sinceridade de propósito observados neste IV Congresso mostram claramente que a intenção inicial de defender os interesses do escritor como tal e como cidadão foi concretizada.

**Darcy Damasceno**

No IV Congresso Brasileiro de Escritores, acima de divergências secundárias, reinou verdadeiro espírito democrático e desejo honesto de unidade dos escritores em torno de seus interesses profissionais, ligados àqueles que dizem respeito aos anseios da humanidade em sua luta pela preservação da cultura e da paz para todos os povos.

**Ary de Andrade**

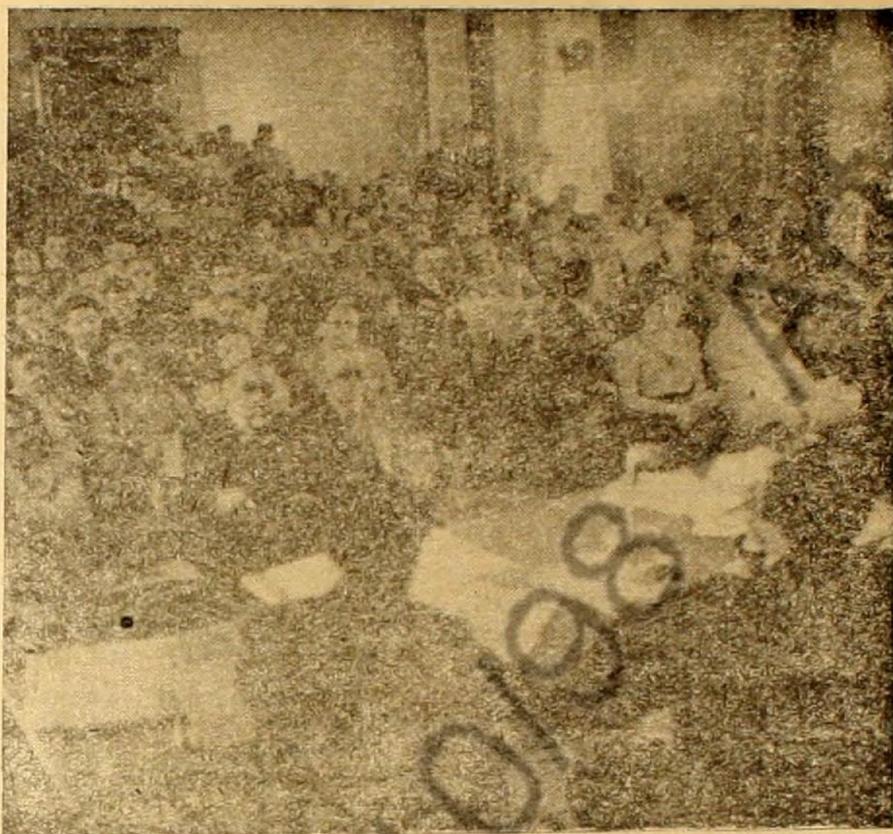
O IV Congresso da A. B. D. E. provou mais uma vez a possibilidade de uma união entre escritores de diversas correntes ideológicas no plano dos interesses da classe.

Porto Alegre, 30-9-51.

**Samuel Rawet**

## **SÃO PAULO**

De todas as maneiras o IV Congresso Brasileiro de Escritores parece ter sido o mais proveitoso dos que realizamos até agora. Nunca os escritores brasileiros tiveram um programa tão vasto e de-



Uma das sessões plenárias realizadas no salão nobre do IAPI

finido, tanto no campo das reivindicações profissionais como no que diz respeito à defesa da nossa cultura.

Como escritor de cinema, fiquei também satisfeito com a acolhida que o Congresso deu aos problemas e anseios de minha classe, e estou certo de que muitos escritores que compareceram a Porto Alegre comparecerão igualmente ao I Congresso Brasileiro de Cinema, que realizaremos dentro em pouco em São Paulo.

30-9-51.

Alex Viany

#### MINAS GERAIS

Parece-me inútil insistir na importância desse IV Congresso, no sentido de estabelecer uma maior unidade entre os que escrevem no Brasil, a par da discussão e o estudo dos problemas que dizem respeito, mais diretamente, à defesa dos interesses mediatos e imedia-

tos dos escritores. Daí o significado do conclave, que serviu, ainda, para reafirmar o desejo de paz dos intelectuais brasileiros, a sua convicção democrática e a sua afirmação em favor da irrestrita liberdade de manifestação política, religiosa e cultural, contra as leis de excessão e as violências policiais, cada dia mais ínfimas, em todo o país. Depois, o IV Congresso foi oportunidade única de intercâmbio e fortalecimento da camaradagem entre os representantes dos diversos Estados.

**Edmur Fonseca**

#### **RIO GRANDE DO SUL**

O IV Congresso de Escritores, organizado pela ABDE constituiu magnífica demonstração de fé nos destinos dos homens, quando unidos fraternalmente em defesa da Cultura, da Democracia e da Paz.

**Beatriz Bandeira**

O IV Congresso Brasileiro de Escritores foi uma grande manifestação da pujança das forças jovens da cultura brasileira.

Pôrto Alegre 30-9-51.

**Fernando Guedes**

#### **CEARÁ**

O IV Congresso Brasileiro de Escritores evidencia a unidade dos escritores brasileiros no terreno da defesa das reivindicações profissionais, da liberdade de manifestação do pensamento, da paz e da cultura nacional.

**Aluízio Medeiros**

#### **GOIÁS**

Que achei do IV Congresso Brasileiro de Escritores? De grande eficiência. Pensa-se e age-se seriamente nos problemas do escritor.

Os associados das A. D. B. E. estaduais voltam animados, satisfeitos com as resoluções dêsse conclave e firmes no propósito de lutarem por uma vida bem ativa dêsses núcleos norteados pelo pensamento uno e fortalecido da classe.

**Amália Hernano Teixeira**

Presidente da delegação de Goiás

#### **PORTUGAL**

Os debates travados no IV Congresso Brasileiro de Escritores refletiram preocupações que são profundamente sentidas pelos escritores de meu país, em nosso caso agravados pelas condições particulares impostas pelo regime atualmente vigente em Portugal. Os escritores portugueses congratular-se-ão com os excelentes resultados que frutificaram de vosso trabalho em Pôrto Alegre. Nêles veem um estímulo a continuarem a luta pela vitória da mais nobre das causas que a humanidade confronta — a conquista de um mundo de Paz.

**Luiz Vasconcelos**

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS : —

### Revistas

**Revista da Guaira** — nºs 26, 27, 28, 29, 31 — Ano III — 1951 — Curitiba — Paraná.

**Ecos de Portugal** — nº 114 — junho e nº 115 — julho de 1951 — Lisboa Portugal.

**Folhas Avulsas** — publicação da Cia. Melhoramentos de S. Paulo — nº 9 junho de 1951 — S. Paulo.

**Revista Voz Viva** — Poesia Arte — Ano III, nº. 8 — julho de 1951 — Buenos Aires — Argentina.

**Itinerário** — Publicação mensal de letras, artes, ciência e crítica — Ano X, nºs 112, 113 e 114 — 1951 — Lourenço Marques — Moçambique.

**Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações** — nº 1 — agosto de 1951 Rio de Janeiro.

**Perceptismo** — Teorico y Polemico — nº. 2 agosto de 1951 — Buenos Aires — Argentina.

**Boletim Foto-Cine** — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano VI — nºs 62, 63 e 65 — junho julho e setembro de 1951 — São Paulo.

**Investigações** — Revista do Departamento de Investigações — Ano III — nºs 29, 30, e 33 — 1951 — São Paulo.

**Revista Universidad de Antioquia** — nº 102 — março a maio de 1951 — Medellin — Colombia.

**Boletim Musica y Artes Visuales** — Publicação da União Panamericana — nº 16 — junho, 17/18 — julho/agosto, 19/29 — set/out. — 51, Washington — DC — USA.

**O Avicultor** — Bimestrário da Sociedade Catarinense de Avicultura — Ano III nº 10, jan/ago. — nº 11, out. edição comemorativa ao 25º aniversário da Soc. Cat. de Avicultura — 1951.

**Palmeiras** — Revista Mensal Ilustrada — Ano XIII — nº 102 — set. 51 — Campinas — São Paulo.

**Caetés** — Letras, Artes & Ciências — Ano II — nº 2 — julho 51 — Maceió — Alagoas.

**Revue de la Politique Mondiale** — União dos Jornalistas da Iugoslávia — Ano II — nºs 17, 19, 21, 22, 24 — 1951 — Belgrado — Iugoslávia.

**Ciência** — Revista dos Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa — Vol. II — Ano III — nº. 5, out. nov. e dez. de 1950 — Lisboa — Portugal.

**Sarã** — Ano I, nº. 6 — outubro de 1951 — Cuiabá — Mato Grosso.

**Angulos** — Revista de Cultura do Centro Acadêmico Ruy Barbosa da Fac de Direito da Univ. da Bahia — Ano 2, nº 1 — outubro de 1951 — Salvador — Bahia.

**Novo Mundo** — Ano V — nº 62/64, jan. a março de 1951 — Guiratinga — Mato Grosso.

**Caçara** — Mensário de Letras e Artes — Anol. nºs 6 e 7, out. e nov. de 1951 — Marília — São Paulo.

**Clubinter Presse** — journal mensuel — nº 5 — outubro de 1951 — Paris — França.

**Movimento Cultural** — Ano I, nº 1, novembro de 51 — Ano II, nº 2, janeiro de 52 — Rio.

**Cuaderno de La Costa III** — novembro de 51 — La Plata — Argentina.

**Evolução** — Revista Mensal — Ano I — nº. 1, Nov. e nº. 2 Dez. de 1951 — Rio do Sul — Sta Catarina.

**O Reflexo** — Revista Mensal da Juventude Israelita Brasileira — Ano III nº 22 set-out. e 23 nov-dez. de 51 — São Paulo.

**Itinerário** — Ano I, nº 1 — janeiro de 52 — Direção de Oswaldo de Andrade — Piracicaba — São Paulo.

**Praieiro** — Boletim dos Postos de Salvamento da Prefeitura Municipal do Recife — nºs 1 a 18, 7ª série — 1951/52 — Recife — Pernambuco.

**Programas do Clube Português de Cinematografia (Cine-Clube do Porto)** sessões nºs 96 a 101 e Circular nº 18.

**LIVROS: —**

**Dominicais** — Crônicas de arte — José Valadares — caderno da Bahia — 1951.

**Os meios Pequenos e a cultura** — Manuel Lopes — Horta — Portugal — 1951.

**Medicina Popular** (Superstições, crendices e mezinhas no Ceará) — Eduardo Campos — Edição da Revista Clã — Fortaleza — Ceará — 1951.

**A Outra Viagem** — poemas — Heitor Saldanha — Editora Arte no Rio Grande — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — 1951.

**Bas-Fond** — versos existencialistas — Arnaldo Brandão — Pongetti 1951.

**Poemas de Arbran** — Arnaldo Brandão — Pongetti 1951.

**Um Homem na Neblina** — poemas — Egito Gonçalves — Editora Germinal Citara — Pôrto — Portugal — 1950.

**Filhos do Destino** — Hernani Donato — Editora Cupolo — São Paulo — 1951.

**A Noite Decepada** — Diógenes Magalhães — Edições Oásis — Rio — 1951.

**Fábula Serena** — poemas — Darcy Damasceno — Edições Orfeu — Rio 1949.

**O Cemitério Marinho** — Paul Valéry — tradução de Darcy Damasceno — prólogo de Roberto Alvim

Corrêa — Edições Orfeu — Rio — 1949.

**A Vida Breve seguida de O Pagem Constante** — poemas — Darcy Damasceno — Edições Orfeu — Rio. 1951.

**Na Paz da Lua** — contos — Paulo Hecker Filho — Edições Fronteira — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1951.

**Para Que Tudo Renasça** — poemas — José Ferreira Monte — Coimbra — Portugal — 1948.

**Perspectiva do Cinema** — Português — Projecção — caderno de cinema — n.º 3 — ensaio de Manuel de Azevedo — Edição do Clube Português de Cinematografia — Cine Clube do Pôrto — Portugal — 1951.

**Solteiros no Civil e no Religioso** — romance — Eduardo Palmério — São Paulo — 1951.

**Novos Rumos Para a Diplomacia Brasileira** — João Henrique — Rio de Janeiro — 1951.

**Sombras** — poemas — Renato Ribeiro — edição do autor — Lisboa — Portugal — 1950.

**A Linha Imbuária** — poemas — Ruy Guilherme Barata — Edição Norte — Belém — Pará — 1951.

**Voragem** — poemas — Manuel Sarmiento Barata — Editora Arte do Rio Grande — 1951.

**Velhice e outros contos** — Salim Miguel — Edições Sul — 1 — Florianópolis — 1951.

Cenas da Vida Brasileira — Suites 1 e 2 — Marques Rechêlo  
Edições O Cruzeiro — Rio — 1951.

---

**Peça por vale postal ou carta com valor declarado as Edições e Cadernos "Sul": "Velhice e outros Contos", de Salim Miguel. — Cr\$ 25,00.**

**"Idade21", de Walmor Cardoso da Silva. — Cr\$ 10,00.**

**DISCA**

**Distribuidora Catarinense**

**Livros, Jornais, Revistas, etc.**

**R. Lacerda Coutinho, 22**

**Caixa Postal, 400**

**Florianópolis — Santa Catarina — Brasil**

.....  
**CASA VITOR**

**Especialista em calçados para homens, senhoras e  
crianças**

**GRAVATAS**

**CAMISAS**

**MEIAS**

**CUÉCAS**

**ETC.**

**Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia  
Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis**

.....  
**LIVRARIA MODERNA  
DE  
PEDRO XAVIER & CIA.**

**dispõe de variado sortimento de material escolar,**

**livros didáticos, papelaria e artigos de**

**escritórios em geral**

**Rua Felipe Schmidt,**

**Florianópolis**

---

Solicitamos aos Senhores assinantes, cujas assinaturas terminaram e que desejam renová-las, o façam dirigindo-se à Direção da Revista. A assinatura, para quatro números (anual), sob registro é de Cr\$ 22,00.

**ASSINE E DIVULGUE "SUL"**

**DR. WILMAR DIAS**

**ADVOGADO**

**R. Vidal Ramos, 73**

**FLORIANÓPOLIS**

**SANTA CATARINA**

.....  
**A R T E C A**

**LUIZ EDUARDO SANTOS**  
**A R Q U I T E T O**

**Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações**

**Rua Felipe Schmidt, 23 — Sala 2**  
**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA**

**CLÍNICA GERAL DE ADULTOS**

**DOENÇAS DE CRIANÇAS**

**Consultório : Rua João Pinto 16, sob.**  
**Residência : Rua Alves de Brito, 20**  
**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

**DO**

**DR. M. S. CAVALCANTI**

**Residência :**  
**R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16**  
**Fone M. 732**

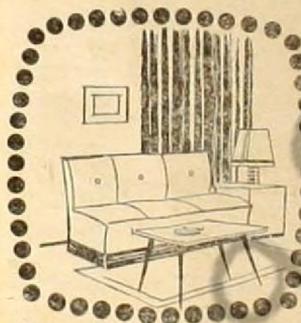
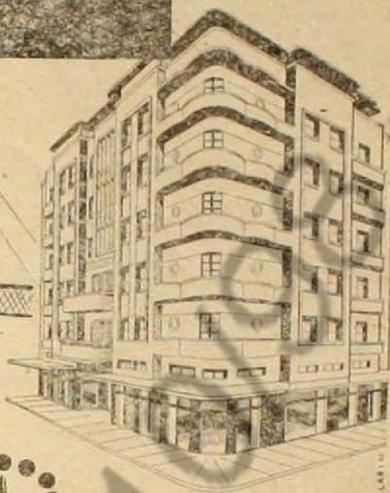
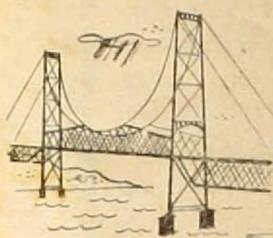
**Consultório :**

**Das 3 às 5 horas**

**FLORIANÓPOLIS**

*Sua casa em Florianópolis*

**LUX HOTEL** O HOTEL DA ILHA



APRESENTANDO O MESMO LUXO E CONFORTO DOS HOTÉIS DAS GRANDES METRÓPOLES, "LUX HOTEL", NO CORAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS, É UMA PARADA OBRIGATÓRIA EM SEU ITINERÁRIO.

ADMINISTRAÇÃO A CARGO DE COMPETENTE PROFISSIONAL COM LONGA EXPERIÊNCIA NOS GRANDES CENTROS EUROPEUS E AMERICANOS.

DIÁRIAS A PARTIR DE CR\$ 55,00. DESCONTOS ESPECIAIS PARA VIAJANTES.

RUA FELIPE SCHMIDT,  
ESQUINA TRAJANO  
TELEGR. "LUXOTEL"  
FLORIANÓPOLIS

PROPRIEDADE DE  
MACHADO & CIA. S. A.  
BOMÉRCIO E AGÊNCIAS

**LUX HOTEL**

Tem V. S. certeza  
que nunca será  
vítima de um  
acidente?

faça hoje mesmo  
uma apólice contra  
Acidentes Pes-  
soais -- e estará  
se prevenindo e  
agis seus contra  
o Futuro!

A "PÁTRIA" Cia.  
Brasileira de  
Seguros Gerais  
oferece os melho-  
res planos.

Rua Trajano, 31--1.

Florianópolis  
Sta. Catarina

GRÁFICA 43 S. A.  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 533  
Caixa Postal, 90 — Fone 1085  
Blumenau — Sta. Catarina  
End. telegr.: "Siewert"

FILIAL

Rua João Pinto 9-A  
Fone 1.407 — C. Postal, 309  
Florianópolis — Sta. Catarina  
End. telegr.: "Siewert"

Impressos em tipo — Litografia e Offset — Livraria —  
Papeleria — Artigos de Escritório e Escolar

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadrinhos — reserrados aparelhados — fôrro  
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORD LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente  
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"  
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER  
(Antiga "ROSA")

Rua Deodoro, 33-A — Florianópolis

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

# Iporã

“É DOS MELHORES E MAIS AMENOS CLIMAS DO MUNDO” — Saint-Hilaire, referindo-se às praias de Santa Catarina.

O futuro Balneário Iporã, que a COMPANHIA SUL BRASILEIRA IMOBILIÁRIA planejou e está organizando, dista apenas 22 quilômetros de Florianópolis, achando-se localizado na bonita Ilha de Santa Catarina. Na primeira praia a ser loteada por esta Companhia será utilizada uma área equivalente a 3.200 metros quadrados, com margem para a destribuição de 5.000 lotes individuais. A urbanização do local encontra-se a cargo do professor Edwaldo Paiva, sendo que os trabalhos relativos a arquitetura serão executados pelo competente arquiteto Edgar Graeff.

As praias de Santa Catarina, justamente consideradas como das mais belas do Brasil, são geralmente calmas e cristalinas, prestando-se magnificamente como locais de veraneio. Por isso, entre catarinenses e gaúchos reina grande expectativa e interesse em torno dos planos de venda da COMPANHIA SUL BRASILEIRA IMOBILIÁRIA, os quais serão brevemente postos em execução, com a venda dos primeiros 1.500 lotes de terreno.

Seguindo estes, serão construídos no local, pela firma organizadora, um magnífico hotel (Grande Hotel Astéria), com piscina interna, 100 apartamentos com quartos de banho, canchas de tennis, campo de golfo, locais para equitação, tiro ao prato e muitos outros divertimentos.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina será organizado um amplo posto de vendas cujo endereço será oportunamente divulgado.

## SUMÁRIO

A Língua e as Formas .....	Lima de Freitas
Arquitetura sob "Encomenda" .....	Carlos Henrique Bahiana
Problemas de Cinema .....	S. M.
Evolução Cinematográfica .....	Antônio da Silva Filho
O Cinema na Educação .....	Rui Monteiro
Quatro Poemas .....	Anibal Nunes Pires
Vingem .....	Gonçalves da Costa
Nombres de Reposo .....	Alberto Oscar Blasé
Carolina .....	Bianca Terra Viara
"Poema da Saudade" .....	Antônio Paladino
Epifania .....	Maximus Bernardus
Despedida .....	José Couto Pontes
Estátua .....	Josette Schwoelk
Convite aos Outros .....	Antônio Jacinto
Madrugada .....	Orlando Mendes
Poema da Intenção .....	Walmor Cardoso da Silva
Varição sobre um tema de Eluard .....	Eugênio de Andrade
A Espera .....	José Afrânio Moreira Duarte
O Lobishomem .....	J. P. Silveira de Souza
Desastre .....	O. C. Malheiros Júnior
A Quatro Paredes .....	Nataníel Dantas
Notas & Comentários .....	Italino Peruffo, Rui Brand Cor- rêa, Vitoriano Rosa, Revista Ho- rizonte e da Redação.
Solidão e Amargura .....	João Kruguer
Reportagem sobre o IV Congresso Brasileiro de Escritores .....	Eglê Malheiros

<p>"Sul" encontra-se à venda</p> <p><b>NO RIO</b></p> <p>Livraria José Olímpio Rua do Ouvidor, 110</p> <p>Livros de Portugal R. Gonçalves Dias.</p> <p>Livros Franceses Avenida Presidente Antônio Car- los, 53.</p> <p><b>EM SÃO PAULO</b></p> <p>Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607 — Esquina Angélica — Higienópolis.</p> <p>Museu de Arte Moderna, rua 7 de abril, 244 — 2º andar.</p>	<p>Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.</p> <p><b>NO RECIFE</b></p> <p>Livraria Editora Nacional</p> <p><b>EM PORTO ALEGRE</b></p> <p>Livraria Miscelânea, Praça da Al- fândega, 38.</p> <p><b>EM BUENOS AIRES</b></p> <p>Librería General de Tomás Pardo S. R. L. — Malpu, 618.</p> <p><b>EM FLORIANÓPOLIS</b></p> <p>Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.</p> <p>Livraria Lider — Rua Deodoro, 33-A.</p>
---	--

**PREÇO: Cr\$ 5,00**